

5 Atitudes pela Educação

ORIENTAÇÕES PARA COORDENADORES PEDAGÓGICOS

Com textos de

Ana Maria Machado

Ricardo Azevedo

Ilan Brenman

Walcyr Carrasco

Pedro Bandeira



5 Atitudes pela Educação

ORIENTAÇÕES PARA COORDENADORES PEDAGÓGICOS

Com textos de

Ana Maria Machado

Ricardo Azevedo

Ilan Brenman

Walcyr Carrasco

Pedro Bandeira



APRESENTAÇÃO

5 Caro educador

ATITUDE 1

**8 Valorizar os professores,
a aprendizagem e o conhecimento**

ATITUDE 2

**32 Promover as habilidades importantes
para a vida e para a escola**

ATITUDE 3

54 Colocar a Educação escolar no dia a dia

ATITUDE 4

**74 Apoiar o projeto de vida
e o protagonismo dos alunos**

ATITUDE 5

**94 Ampliar o repertório cultural
e esportivo das crianças e dos jovens**

SOBRE O TODOS PELA EDUCAÇÃO

117 5 Metas, 5 Bandeiras, 5 Atitudes

Caro educador

Esta publicação é uma parceria do movimento Todos Pela Educação e da Editora Moderna, com apoio da Comunidade Educativa CEDAC, e faz parte de um conjunto de ações do movimento que têm por objetivo ajudar a melhorar a qualidade da Educação no País por meio da disseminação de **5 Atitudes** para toda a sociedade. A iniciativa busca apoiar e incentivar a população brasileira a acompanhar de perto a Educação e a ajudar crianças e jovens a aprender cada vez mais e por toda a vida. A seguir, conheça as Atitudes.

- 1. Valorizar os professores, a aprendizagem e o conhecimento.**
- 2. Promover as habilidades importantes para a vida e para a escola.**
- 3. Colocar a Educação escolar no dia a dia.**
- 4. Apoiar o projeto de vida e o protagonismo dos alunos.**
- 5. Ampliar o repertório cultural e esportivo das crianças e dos jovens.**

As orientações aqui contidas são voltadas ao trabalho dos coordenadores pedagógicos (CP). A escolha se justifica porque esse gestor escolar é figura central no processo educativo. Pesquisas recentes mostram que a função principal da coordenação pedagógica – fazer a formação continuada dos professores no âmbito da escola – tem disputado espaço com outras atribuições, muitas delas administrativas, que, apesar de importantes, não lhe cabem.

Nossa intenção, portanto, é apoiar o CP no planejamento de ações de formação para o horário coletivo de

trabalho com os professores que instrumentalizem e incentivem a comunidade escolar a colocar em prática as **5 Atitudes**. Não obstante, as atividades e estratégias propostas neste livro extrapolam esse tema e podem ser inspiradoras para todo o planejamento pedagógico.

O trabalho tem como ponto de partida textos de cinco autores nacionais consagrados, cada um abordando uma das Atitudes. São eles: Ana Maria Machado, Ilan Brenman, Pedro Bandeira, Ricardo Azevedo e Walcyr Carrasco.

Ainda que tenham a pretensão de ajudar no planejamento, as orientações expressam apenas pontos de partida. O que se apresenta não deve ser tomado como regra, mas ampliado com base na experiência de cada coordenador, sempre considerando os ajustes à realidade local, aos professores, aos alunos e à comunidade escolar. Dessa forma, as ideias colocadas em prática podem desencadear ações e continuidades, sobretudo no que diz respeito ao trabalho conjunto com o diretor escolar, na construção permanente do Projeto Político-Pedagógico (PPP) da escola.

Um ponto a ser destacado é sobre as discussões literárias sugeridas a respeito dos textos. Com a intenção de aprimorar as competências leitoras dos professores, propomos em todos os capítulos que, antes de iniciar a leitura, se promovam reflexões sobre o autor e seu estilo literário e, com base na leitura do título, se façam antecipações a respeito da forma como o tema poderá ser abordado.

Após a leitura, é interessante comentar o que o texto apresenta, relacionando-o e confrontando-o com as antecipações e opiniões registradas previamente. Com essa troca de ideias, o grupo se sentirá mais envolvido com as atividades.

Essa é uma forma de estimular a construção de sentido do texto. Ao final, sempre haverá uma proposta de reflexão para discutir o percurso realizado, em que os professores podem comentar livremente as impressões e compartilhar o que chamou atenção, as discordâncias, as dúvidas e demandas de aprofundamento. Esse espaço de troca é fundamental para a constituição de um grupo de leitores críticos, aberto a opiniões, baseado no diálogo e na colaboração. Enfim, é na socialização e no comparti-

lhamento que a construção do sentido do texto pode se dar de maneira mais profunda e consistente.

Esperamos que essas orientações ajudem na concretização das **5 Atitudes** junto à sociedade e apoiem mais e melhores aprendizagens para os alunos de todas as escolas do País.

Para saber mais sobre as **5 Atitudes**, acesse **www.5atitudes.org.br**. Na página também é possível compartilhar experiências vivenciadas com base neste material, que certamente poderão apoiar outras escolas e profissionais da Educação. Se preferir, envie sua história para o e-mail **contato@5atitudes.org.br**. ♦

**Valorizar
os professores,
a aprendizagem e
o conhecimento**

1



Uma imensa admiração

ANA MARIA MACHADO

Pelo lado materno, venho de uma família de professores, o que sempre nos encheu de orgulho, por sabermos que essa é uma das profissões mais úteis que pode haver. Compartilhar com as novas gerações parte do conhecimento acumulado pela humanidade ao longo de séculos, sem dúvida alguma, é uma tarefa importantíssima e fundamental. Então, sempre foi com alegria que contei a meus filhos e netos como essa nossa história começou com meu avô, professor de matemática e física durante 50 anos. E acrescentei que meu tio Nelson era professor de história, da mesma forma que o filho dele, meu primo Manoel. Minha tia Mabel era professora de Ensino Fundamental e foi diretora de escola pública. Tio Guilherme foi professor de português – e Luís, filho dele, ensinou história, e seu irmão Reinaldo foi professor, e minha mãe cursou Escola Normal, e eu também dei aulas de línguas e literatura, da mesma forma que minha irmã Lucia.

Alguns de nós depois mudamos de profissão e fomos fazer outras coisas. Como eu, que acabei me dedicando a escrever, há mais de 40 anos. Mas todos temos um segredo em comum. Sabemos que devemos ao magistério algumas das maiores alegrias de nossas vidas. Alegrias que se repetem.

A primeira é quando a gente verifica que o trabalho deu certo e que o aluno está entendendo, dando um passo adiante, e acaba de aprender algo que não sabia. Algo

que, a partir desse momento, vai passar a fazer parte de seu conhecimento na vida. Nunca mais ninguém poderá tirar isso dele – e foi o professor que acabou de lhe dar esse tesouro.

A segunda vem muito mais tarde. Ocorre naquele instante em que um professor encontra um ex-aluno que vem cumprimentá-lo com carinho, agradecido pelo que aprendeu, grato pelo que reconhece ter recebido, numa lembrança afetuosa de um tempo bem aproveitado que deixou bons frutos.

Quando o grande escritor franco-argelino Albert Camus ganhou o prêmio Nobel de Literatura (1957), uma das primeiras coisas que fez foi escrever uma carta agradecida a seu antigo mestre. Nela, afirmava: “Quando eu soube da novidade, meu primeiro pensamento, depois de minha mãe, foi para você. Sem você, sem essa mão afetuosa que você estendeu ao menino pobre que eu era, sem seu ensino, sem seu exemplo, nada disso teria acontecido”.

Na hora de receber o prêmio, Albert Camus fez questão de dedicar seu discurso a Louis Germain, o professor com quem estudara quando era criança. Relembrou que ele era seu ídolo na infância e adolescência, e o garoto queria ser como ele, um mestre. Mas como adoeceu com tuberculose e, naquele tempo, a lei não permitia que quem tivera essa doença pudesse seguir o magistério, ele teve de mudar os planos. Nunca, porém, deixou de valorizar quem fez tanta diferença em sua infância e abriu as portas de seu futuro, mudando para sempre sua vida. Seu último romance, publicado postumamente, *O primeiro homem*, é um dos mais belos livros da literatura universal, construído em torno de uma grande homenagem ao professor.

É essa admiração tecida de gratidão sincera que deveríamos sentir. E o Brasil precisa construir as condições para que todos tenhamos motivos para isso. ♦

Nascida no Rio de Janeiro em 1941, Ana Maria Machado é uma das mais prestigiadas escritoras brasileiras. Em mais de 40 anos de carreira, já publicou mais de cem livros para crianças, jovens e adultos, no Brasil e no exterior, somando cerca de 20 milhões de exemplares vendidos. Em 2000, recebeu o prêmio Hans Christian Andersen, e, em 2001, a Academia Brasileira de Letras lhe deu o maior prêmio literário nacional, o Machado de Assis, pelo conjunto da obra.

Orientação para formação continuada

 Tempo previsto: 8 horas

“Valorizar o conhecimento, a aprendizagem e os professores” é a Atitude que dá base às orientações apresentadas neste primeiro capítulo. Ana Maria Machado, escritora consagrada e conhecida pelo público em geral, ressalta no texto “Uma imensa admiração” a importância dos professores e do conhecimento como um bem transmitido entre gerações e mostra profundo respeito pelo magistério. A autora defende que toda a sociedade deve perceber, incentivar e reconhecer essa profissão que, por natureza, sustenta a construção de novos conhecimentos.

Esta proposta de formação consiste em envolver professores e gestores na ampliação do Projeto Político-Pedagógico (PPP), incluindo no documento proposições a respeito da valorização das aprendizagens, dos conhecimentos e da profissão dos professores. Também se sugere a realização de um diagnóstico da comunidade em relação a esse tema, por meio de uma enquete.

Antes mesmo da leitura do texto de Ana Maria Machado, a primeira tarefa é pedir aos professores que leiam uma biografia resumida da escritora (a seguir) para saberem mais sobre seu percurso e já se familiarizarem com um dos aspectos principais dessa trajetória, que é a relação da autora com a valorização da profissão docente. Entregue uma cópia do texto para cada dupla ou, se possível, projete-o no quadro e faça leitura compartilhada.

Atividade inicial

Leitura de trecho da biografia de Ana Maria Machado, para que os professores relacionem o percurso de vida da autora com a Atitude abordada no texto.

Leitura compartilhada: a história de Ana

“Na vida da escritora Ana Maria Machado, os números são sempre generosos. São mais de 40 anos de carreira, mais de cem livros publicados no Brasil e em mais de 18 países, somando cerca de 20 milhões de exemplares vendidos. Os prêmios conquistados ao longo da carreira de escritora também são muitos, tantos que ela já perdeu a conta. Tudo impressiona na vida dessa carioca nascida em Santa Teresa, em pleno dia 24 de dezembro.

Vivendo atualmente no Rio de Janeiro, Ana começou a carreira como pintora. Estudou no Museu de Arte Moderna e realizou exposições individuais e coletivas, enquan-

to cursava Letras na Universidade Federal (depois de desistir do curso de Geografia). O objetivo era ser pintora mesmo, mas, depois de 12 anos às voltas com tintas e telas, resolveu que era hora de parar. Optou por privilegiar as palavras, apesar de continuar pintando até hoje.

Afastada profissionalmente da pintura, Ana passou a trabalhar como professora em colégios e faculdades, escreveu artigos para revistas e traduziu textos. Já tinha começado a ditadura, e ela resistia participando de reuniões e manifestações. No final de 1969, depois de ser presa e ter diversos amigos também detidos, Ana deixou o Brasil e partiu para o exílio. A situação política se mostrou insustentável.

Na bagagem para a Europa, levava cópias de algumas histórias infantis que estava escrevendo, a convite da revista *Recreio*. Lutando para sobreviver com seu filho Rodrigo ainda pequeno, trabalhou como jornalista na revista *Elle* em Paris e na BBC de Londres, além de se tornar professora na Sorbonne. Nesse período, ela conseguiu participar de um seleto grupo de estudantes cujo mestre era Roland Barthes e terminou sua tese de doutorado em Linguística e Semiologia sob a sua orientação. A tese resultou no livro *Recado do nome*, que trata da obra de Guimarães Rosa. Mesmo ocupada, Ana não parou de escrever histórias infantis, que vendia para a Editora Abril.

A volta ao Brasil aconteceu no final de 1972, quando começou a trabalhar no *Jornal do Brasil* e na *Rádio JB* – ela foi chefe do setor de jornalismo dessa emissora durante sete anos. Em 1976, as histórias antes publicadas em revistas passaram a sair em livros. E Ana ganhou o prêmio João de Barro por ter escrito *História meio ao contrário*, em 1977. O sucesso foi imenso, gerando muitos livros e prêmios em seguida. Dois anos depois, ela abriu a Livraria Malasartes, um espaço onde as crianças podiam encontrar e ler bons livros.

Abandonou o jornalismo em 1980 para se dedicar ao que mais gosta: escrever livros, tanto os voltados para adultos como os infantis. Com tamanho sucesso, em 1993 ela se tornou *hors-concours* dos prêmios da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ). Finalmente, a coroação: em 2000, recebeu o prêmio Hans Christian Andersen, considerado o Nobel da literatura infantil mundial. E, em 2001, a Academia Brasileira de Letras lhe deu o maior prêmio literário nacional, o Machado de Assis, pelo conjunto da obra.

Em 2003, Ana Maria foi eleita para ocupar a cadeira número 1 da Academia Brasileira de Letras, substituindo o dr. Evandro Lins e Silva. Pela primeira vez um autor com uma obra significativa para o público infantil havia sido escolhido para a Academia. A posse aconteceu em 29 de agosto de 2003, quando Ana foi recebida pelo acadêmico Tarcísio Padilha e fez uma linda e afetuosa homenagem a seu antecessor.”

Adaptado do site oficial da autora. Disponível em: <<http://www.anamariamachado.com/biografia>>. Acesso em: 20 fev. 2014.

Após a leitura da biografia, a sugestão é que os professores discutam a seguinte questão: o que Ana Maria Machado, com essa história de vida (também marcada pela profissão de professora), pode ter escrito em um texto cujo título é: “Uma imensa admiração”?

Ao lançar essa questão coletivamente, espera-se que os professores coloquem em jogo o que leram na biografia e infiram, com base no título, que o texto vai tratar da admiração que a autora tem pelos professores, tanto os de sua família como os demais. Um pouco mais além, a expectativa é que antecipem que a autora escreve sobre como seria importante que a sociedade brasileira valorizasse mais o professor.

Feita a discussão inicial, a ideia é que os professores realizem a leitura individual do texto “Uma imensa admiração”, destacando trechos e fazendo anotações.

Depois da leitura, é interessante pedir a eles que retomem aspectos da biografia de Ana Maria Machado e que os relacionem ao texto. Quais fatos da vida da autora parecem ser coerentes com a postura de valorização do “magistério como uma das profissões mais úteis que pode haver” e que dá “algumas das maiores alegrias da vida”? O que se pode dizer sobre o posicionamento da autora?

Então, os professores devem refletir sobre a importância e a necessidade crescente da profissionalização do magistério, tema subjacente ao texto de Ana Maria Machado. Para isso, a sugestão é que, em pequenos grupos, leiam o trecho a seguir, do texto “O professor, um profissional”, publicado em *Ensinar: tarefa para profissionais*, que aborda o tema, e discutam as questões propostas adiante.

Atividade

Leitura individual do texto “Uma imensa admiração”, de Ana Maria Machado, e compartilhamento das impressões e dos sentidos que a leitura proporcionou. A intenção é levantar uma discussão sobre a importância do papel profissional do professor, abrindo espaço para a discussão a seguir.

Atividade

Leitura de texto sobre a profissionalização do professor.

Estratégia

Dividir os professores em pequenos grupos (mesclando os segmentos) e apresentar as questões para discussão. Em seguida, compartilhar as conclusões.

Leitura compartilhada: o professor, um profissional

“Falar da própria prática é muito interessante, uma vez que nos conduz a pensar com profundidade sobre a mesma, ou seja, nos dá a chance de percorrer um caminho trilhado por nós mesmos, e, com isso, passamos a ter um olhar observador, e mais atento e denunciador, de tudo que nos incomoda e angustia. Quando aprendemos a exercitar esse olhar reflexivo sobre a nossa prática pedagógica, abrimos várias janelas para nos tornarmos melhores profissionais da Educação.”

Socorro Silva, Professora – Ipixuna/PA

“Para que alguém se veja como profissional, é preciso que tenha a oportunidade de ser reconhecido como tal, inclusive no seu processo de formação.

Os professores que atuam no ensino fundamental muitas vezes não se sentem profissionais, pois não são vistos como tal, seja na representação que a sociedade faz deles, seja na caracterização das suas situações de trabalho. Ainda existe uma forte ideia de que ensinar é tarefa fácil, que qualquer pessoa dedicada e paciente pode realizar sem grandes dificuldades. Não é considerada a complexidade que tal tarefa envolve: necessidade de conhecimentos, capacidades e práticas específicas (o que de fato configura o ensino como um campo profissional).

A transformação dessa concepção, principalmente por parte dos próprios professores, é fator importante para a mudança das condições de trabalho e da própria organização institucional dos sistemas educativos que interferem na qualidade de atuação desses profissionais. Por isso, programas de formação, por natureza transitórios, precisam enfrentar essa questão se tiverem como intenção promover mudanças permanentes.

Sabemos que tais mudanças dependem também, e em altíssimo grau, de transformações legais, vontade política e condições econômicas. É no modo de pensar e na construção da autoimagem dos professores que a formação pode intervir.

Ser profissional pressupõe, além de uma preparação específica para realizar as tarefas da área de atuação, um processo de desenvolvimento permanente para fazer frente aos desafios constantes [...] e para acompanhar os avanços e modificações produzidos no campo de trabalho.

Na formação continuada de professores que atuam nas redes de ensino, a estratégia é, considerando-os como profissionais que são, pautar o trabalho formativo por esse fato, tanto no que se refere à metodologia quanto no que se refere aos espaços dedicados à formação.

No âmbito metodológico, isso significa reconhecer os saberes dos professores e realizar um trabalho que inclua esses saberes, independentemente de serem ou não coerentes com os conteúdos da formação, e, ainda, tomar como base suas práticas profissionais reais (o que se discutirá nos próximos capítulos). Quanto aos espaços dedicados à formação, referimo-nos, entre outras, a situações de participação, como protagonistas, em seminários que reúnam profissionais para debater e refletir sobre questões de seu trabalho e, também, a instituições especialmente construídas para dar suporte permanente ao desenvolvimento profissional (tais como bibliotecas especializadas e centros de referência, que são também pontos de encontro entre profissionais).

Seguem-se algumas evidências do quanto é possível avançar ao tomar o processo de formação como uma interação entre profissionais. O primeiro item – Assumir a palavra no espaço público, como profissional – trata de um momento marcante no processo de formação dos professores, em que estes assumem um considerável grau de autonomia; o segundo – Institucionalização do desenvolvimento profissional – apon-

ta a necessidade de criar condições para a permanência e integração da formação ao cotidiano dos profissionais da Educação; e o terceiro – Ocupar o lugar de profissional desde o início da formação – discute a relação dos professores com o processo formativo, que depende das concepções adotadas tanto a respeito da aprendizagem quanto do que é ser professor.”

CARDOSO, Beatriz (org.). *O professor, um profissional*. In: *Ensinar: tarefa para profissionais*. Rio de Janeiro, Record, 2007, p. 19-20.

Questões para discutir em grupo

1. O que significa para seu grupo a profissionalização do professor?
2. Qual pode ou deve ser a relação da equipe escolar com a formação continuada e a profissionalização dos professores?
3. Como o grupo define um bom professor?

Após a leitura e a discussão em grupos, reserve um tempo para a socialização das conclusões a respeito das questões, para que consigam aprofundar o tema de cada uma.

O que não pode faltar na discussão

- ◆ Em relação à primeira e à segunda questões, indicar que a profissionalização do professor está atrelada às condições de formação continuada e investimento (pessoal e institucional) na reflexão cotidiana sobre seu trabalho e sua atuação com os alunos; às propostas de momentos de estudos e reflexões coletivos (como estão fazendo no momento); a tematizações da prática – quando abordam as questões didáticas, discutindo o que está por trás de boas ações e propostas desenvolvidas com os alunos.

Atividade

Anotar frases significativas ditas pelos professores para depois montar um mural sobre “a profissionalização dos professores”, ou sobre “o ofício profissional dos professores”.

- ◆ Em relação à terceira questão, lembrar que para ser um bom professor é preciso não apenas dominar o objeto de conhecimento, como também demonstrar sua relevância e saber como desenvolvê-lo com os alunos, ou seja, entender como a criança e o jovem interagem com os novos conteúdos e planejar e promover ações em sala de aula que provoquem essas interações. É necessário ainda acompanhar e observar se o aluno está aprendendo e, com base nessa análise, rever/ajustar intervenções ou elaborar novas conduções. Porém, um professor não consegue fazer isso sozinho; ele precisa ter parceiros para ajudá-lo, ou seja, necessita da formação continuada em serviço, já que a responsabilidade pela aprendizagem dos alunos – objetivo final de existência da escola e de seus profissionais – é de todos!
- ◆ Debater coletivamente a relação entre a conversa desenvolvida com base nessas perguntas e a Atitude “Valorizar o conhecimento, a aprendizagem e os professores”. Cabe provocar o estabelecimento dessa relação, questionando, por exemplo: “Vocês acham que a valorização dos professores por toda a comunidade pode começar pela profissionalização? Pela forma como nós mesmos nos vemos como profissionais? O que pensam sobre isso?”.

Para sintetizar e concluir essa etapa, proponha aos professores que, individualmente, registrem em uma frase como a discussão com base nas leituras impactou as impressões sobre a profissão. Combine que as frases serão compiladas e expostas em um mural da escola.

Para ampliar a reflexão, é recomendável a leitura de outro texto de Ana Maria Machado, “Literatura para todos”, presente no livro *Balaio: livros e leituras*. Depois, novamente em pequenos grupos, peça que façam uma breve discussão. Nessa etapa, a sugestão é que os participantes debatam a relação entre o que foi retratado nas frases produzidas individualmente e o que a autora propõe quanto ao acesso à literatura de qualidade por crianças e jovens.

Considerando que Ana Maria Machado afirma que:

Atividade

Ler outro texto da mesma autora – agora ligado à literatura infanto-juvenil – para aprofundar a discussão em pequenos grupos sobre o fazer profissional do professor.

[...] é fundamental aproximar meninos e meninas da literatura. Não basta dar livros didáticos. Não basta promover a leitura. Esses dois passos fazem parte da garantia de outro direito, que é o direito à Educação, também coisa que ninguém em sã consciência ousaria questionar [...] O que eu quero enfatizar é outra necessidade: o direito à arte. [...] toda obra de literatura infantil é um livro para crianças. Mas nem sempre a recíproca é verdadeira – nem todo livro que o mercado comercializa para crianças é uma obra literária.

MACHADO, Ana Maria.
Balaio: livros e leituras.
Rio de Janeiro:
Nova Fronteira, 2007.

Considerando, ainda, que devemos primar pela valorização do trabalho do professor como profissional, cabe apresentar ao grupo as seguintes questões: “Como fazer a aproximação dos alunos com a literatura nas escolas? Como incluí-la na rotina pedagógica, de modo que o conhecimento a ser construído pelos alunos seja valorizado?”

Se possível, projete as questões no quadro para serem retomadas na socialização das conclusões dos grupos.

O que não pode faltar na retomada coletiva

- ◆ Concluir que a valorização do conhecimento a ser construído por meio da literatura como arte pode depender da maneira e da frequência com que ela é apresentada aos alunos (depende de ser considerada uma atividade habitual nas rotinas de todos os segmentos).
- ◆ Concluir que o acesso à boa literatura pode depender da organização e da qualidade do acervo de livros da escola.
- ◆ Concluir que os professores podem ser os primeiros frequentadores do acervo, conhecendo melhor os livros de que a escola dispõe e aqueles que recebe anualmente de programas federais ou são adquiridos por ela.
- ◆ Considerar que o inverso também pode ocorrer, ou seja, os professores podem demandar a aquisição de obras para ampliação do acervo, de modo que a equipe gestora utilize verbas do Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE) para comprá-las.

- ◆ Concluir que o acervo pode ser organizado de forma convidativa e que é possível selecionar livros para os professores disponibilizarem na sala (independentemente do segmento ou da área do conhecimento), para ampliar as discussões propostas no cotidiano.
- ◆ Considerar que podem ser planejadas, na rotina dos diferentes segmentos, situações interdisciplinares em que a leitura literária e a leitura complementar sobre um tema (de ciências, física, química, educação física etc.) estejam presentes e deem base às atividades.

Atividade

Definição de critérios para selecionar livros literários do acervo da escola, relacionando-os a propostas práticas da rotina com os alunos.

Para dar prosseguimento às discussões sobre a valorização do conhecimento e das aprendizagens, a proposta é ajudar os professores a reorganizar o acervo literário da escola, buscando obras de qualidade que se relacionem às disciplinas e às atividades cotidianas dos alunos. É fundamental informar-se sobre o acervo disponível. Isso pode ser feito por meio deste roteiro de análise:

Roteiro de aproximação com o acervo e de seleção de livros

1. Observe a organização do acervo da biblioteca. Peça ajuda à pessoa responsável pela sala de leitura e comece por livros de literatura infantil ou pelos títulos já conhecidos.
2. Ao se familiarizar com a organização dos livros, procure aqueles sobre os quais já ouviu falar e tem curiosidade; dos quais já conhece o autor; em que algo no título ou na capa chamou sua atenção; cujo assunto lhe interessa etc.
3. Ao selecionar os livros, separe-os imaginando possíveis situações de compartilhamento com os alunos: ler para ter com eles um momento de fruição e prazer de apreciação da literatura como arte; ler para saber mais sobre determinado tema; ler para complementar informações já discutidas em sala de aula; ler para começar uma discussão sobre determinado conteúdo.
4. Considere a possibilidade, dependendo da área ou do segmento no qual atua, de levar livros até os alunos para que os leiam em sala, ou de combinar com a pessoa responsável pela sala de leitura de abrir o espaço aos alunos para determinada atividade.

Para finalizar essa etapa, peça aos professores que se dirijam à biblioteca ou sala de leitura, onde devem escolher um título levando em conta o roteiro apresentado anteriormente. Solicite que socializem os critérios de seleção utilizados em cada escolha, pedindo que as justifiquem e apontem, brevemente, como será o uso com os alunos.

Nesse momento, relacione tudo o que foi discutido até aqui: a valorização do conhecimento e da aprendizagem por meio de uma atuação profissional do professor também se dá pelo reconhecimento da escola como espaço privilegiado para construção de conhecimentos (nesse caso, literários) pelos professores e alunos.

Para que a utilização do acervo de livros da escola passe a fazer parte do cotidiano dos diferentes segmentos e professores e a literatura como arte chegue aos alunos, é preciso antecipar as condições necessárias, identificar as pessoas envolvidas e determinar as responsabilidades de cada uma. Isso contribuirá para a valorização desse conhecimento e das aprendizagens decorrentes dele. A sugestão é que o grupo de participantes complete coletivamente o quadro a seguir (que poderá ser projetado).

Sugestão de formulário:

Dica

Para que os professores se envolvam com o acervo literário, compartilhe a estratégia com o responsável pela sala de leitura, reservando espaço e livros para a proposta.

Estratégia

Como os professores estarão diante de uma única ação – que é a organização e divulgação do acervo de livros literários da escola –, a ideia é que o grupo construa um documento único, com a contribuição e as ideias de todos para algo que é também de uso comum (o acervo de livros literários da escola).

Ação: organização e divulgação do acervo de livros literários da escola							
Condições necessárias				Responsabilidades			
Materiais	Tempo	Profissionais	Outras	Professores	Coord. pedagógicos	Diretores	Outros funcionários da escola

Atividade

Planejar atividades de sala de aula, com o objetivo de concretizar com os alunos as intenções da ação de “organização e divulgação do acervo literário” discutida anteriormente.

Estratégia

Professores agrupados por segmento planejam as atividades e depois compartilham com todo o grupo.

Planejamento

Para ampliar a discussão sobre possíveis ações a realizar na escola em relação à leitura literária, além das já discutidas, vale considerar as propostas a seguir, que podem ser desenvolvidas com diferentes faixas etárias e inseridas na rotina pedagógica dos professores.

Dando continuidade ao trabalho em pequenos grupos reunidos por segmentos, a sugestão é que os professores realizem a leitura compartilhada do planejamento, grifando e destacando atividades que já realizam ou aquelas que lhes parecem novidades. Em conjunto, podem analisar cada uma delas, fazer adaptações à realidade das turmas e definir como e quando realizá-las. Depois que os grupos terminarem, a proposta é que socializem o que fizeram em um grande grupo, compartilhando com os colegas dos outros segmentos e com a equipe gestora. O intuito é aprimorar cada vez mais a prática pedagógica em consonância com os propósitos ligados à Atitude de que estamos tratando.

A escola como espaço privilegiado para construção de conhecimentos literários

Educação Infantil

Leitura literária pelo professor

- ◆ Para propor que as crianças participem cotidianamente de situações em que ouçam a leitura em voz alta pelo professor, selecionar livros de literatura infantil com qualidade literária ajustada aos pequenos leitores/ouvintes – por exemplo, livros que tenham uma relação de proximidade e complementariedade entre ilustração e texto (livros tipo álbum).
- ◆ Expor os livros escolhidos em uma roda de conversa com as crianças no início da semana e combinar/sortear quais serão lidos em cada dia.
- ◆ Escrever uma lista com os títulos dos livros e realizar o sorteio ou propor a escolha pelas crianças (a critério do professor). Ir marcando aqueles que já foram lidos.

- ◆ Ler e conhecer bem o livro previamente.
- ◆ Antecipar passagens em que uma leitura expressiva, com entonação diferente para cada personagem, será necessária.
- ◆ Pensar em uma pergunta-guia a ser feita antes da leitura para ajudar as crianças a se conectar com o que acontecerá ao longo da narrativa.
- ◆ Selecionar trechos em que a leitura poderá ser interrompida para permitir às crianças que pensem na continuidade da história.
- ◆ Planejar uma conversa a ser feita após a leitura; o objetivo não é o de avaliar a interpretação das crianças, mas que troquem impressões sobre o que foi lido e compartilhem com o grupo sentidos que a leitura daquele livro teve para cada uma.

Anos Iniciais do Ensino Fundamental

Montagem de uma biblioteca de sala com os alunos

- ◆ Selecionar, com a ajuda da pessoa responsável pela sala de leitura, diferentes livros adequados à faixa etária dos alunos e levar alguns (aproximadamente um por aluno) para ficar por um tempo em sala de aula.
- ◆ Compartilhar com os alunos a ideia de montar uma pequena biblioteca em sala para ser utilizada nos momentos livres ou entre uma atividade e outra.
- ◆ Perguntar, dentre aqueles que eles conhecem, quais livros gostariam de escolher para ficar por um tempo na biblioteca de sala.
- ◆ Apresentar os livros que selecionou, contando que solicitou ajuda a uma pessoa que os conhece bastante, e pedir que os alunos folheiem e comentem o que acharam dessa primeira seleção, trocando opiniões.
- ◆ Questionar se interessam-se por continuar lendo esses livros ou se gostariam de trocar por outros na biblioteca/sala de leitura da escola, combinando que ficarão um tempo com esses exemplares em sala para ler nos momentos livres ou entre uma atividade e outra.
- ◆ Pedir que escolham os livros que querem ler nessas ocasiões.

- ◆ Para aqueles que desejarem, orientar que se dirijam à biblioteca e façam a troca (combinar previamente quando e quanto tempo terão para essa escolha, tanto com os alunos como com a pessoa responsável pela sala de leitura).
- ◆ Combinar o espaço coletivo da sala em que os livros permanecerão (uma prateleira à qual tenham fácil acesso, ou uma caixa selecionada e preparada para guardá-los com cuidado) e como farão para marcar as páginas já lidas.
- ◆ Combinar com os alunos que em uma semana, aproximadamente, voltarão a conversar sobre o que leram em uma roda de indicações literárias. Nessa ocasião, comentarão o que já foi lido, impressões e pretensões quanto à continuidade das leituras.
- ◆ Assegurar alguns momentos da rotina em que os alunos possam realizar leituras individualmente e respeitar o tempo de cada um.
- ◆ Ao final do período destinado à proposta (bimestre/semestre/ano), sugerir que realizem uma autoavaliação sobre a forma como montaram a biblioteca de sala. Avaliar conjuntamente os aspectos positivos e aqueles que ainda podem melhorar.

Anos Finais do Ensino Fundamental

Montagem de um mural de indicações literárias pelos alunos

- ◆ Compartilhar com os alunos a ideia de montar um mural com indicações literárias para os colegas. Para isso, podem selecionar previamente quem serão seus interlocutores – por exemplo, o 3º ano do Ensino Fundamental. Podem combinar também que, dependendo dos títulos escolhidos, as indicações serão variadas e terão públicos diversos.
- ◆ Compartilhar com os alunos como pretendem organizar o mural, qual espaço cada um terá para escrever suas indicações e também ilustrá-las para que os jovens leitores se sintam atraídos pelos livros e queiram retirá-los na biblioteca da escola.
- ◆ Promover rodas de conversa em que: selecionem livros a serem indicados; conversem sobre os livros e os motivos pelos quais pretendem indicá-los; falem sobre o que uma indicação literária pode e precisa ter para convencer os leitores a querer ler tais livros.
- ◆ Promover algumas idas à biblioteca da escola para que os alunos conversem com a pessoa responsável pela sala de leitura para saber quais são os livros preferidos das crianças às quais pretendem fazer as indicações. Dessa forma, também poderão circular entre os livros e conhecer mais o acervo literário da própria escola.

- ◆ Combinar o local em que será montado o mural.
- ◆ Reservar algumas aulas para os alunos planejarem, escreverem, ilustrarem e revisarem as indicações literárias.
- ◆ Montar o mural com a ajuda dos alunos.
- ◆ Propor aos alunos que deixem um espaço para que os leitores possam opinar sobre os livros, estabelecendo uma comunicação entre o que foi indicado e o que acharam das indicações feitas a eles.
- ◆ Escrever um convite de divulgação do mural na própria escola para que todos possam apreciar e aproveitar as indicações literárias.
- ◆ Ao final da proposta, sugerir que realizem uma autoavaliação sobre a forma como implementaram o projeto. Avaliar juntos os aspectos positivos e aqueles que ainda podem melhorar.

Ensino Médio

Jovens leitores: montagem de oficinas de leitura para os alunos mais novos

- ◆ Compartilhar com os alunos a ideia de montar oficinas de leitura envolvendo alunos de outros segmentos.
- ◆ Compartilhar a ideia de que eles lerão em voz alta e, para isso, terão um tempo de preparação e planejamento.
- ◆ Combinar com o gestor da escola, coordenador pedagógico (CP) e os professores dos demais segmentos os trâmites necessários para que as oficinas aconteçam e contribuam com as rotinas dos demais alunos.
- ◆ Ajudá-los a definir os públicos-alvo, quantas oficinas de leitura serão feitas e como será a participação de cada um (nem todos lerão, mas poderão acompanhar, fazer anotações, ajudar as crianças a participar das leituras etc.).
- ◆ Reservar aulas para que os alunos:
 - ◆ selecionem, com a ajuda da pessoa responsável pela sala de leitura ou de professores, os livros que pretendem ler;

- ◆ leiam e conheçam bem os livros previamente;
 - ◆ antecipem partes em que uma leitura expressiva e com entonação diferente será necessária;
 - ◆ pensem em uma pergunta-guia a ser feita antes da leitura e que ajude as crianças a se conectar com o que acontecerá ao longo da narrativa;
 - ◆ selecionem trechos em que a leitura poderá ser interrompida para permitir às crianças que pensem na continuidade da história;
 - ◆ planejem uma conversa a ser feita após a leitura, não com o objetivo de avaliar a interpretação dos alunos, mas para que troquem impressões sobre o que foi lido e compartilhem os sentidos da leitura daquele livro para cada um.
-
- ◆ Marcar as datas em que as oficinas ocorrerão.
 - ◆ Apoiar os alunos no dia das oficinas para que tudo corra bem, acompanhando os grupos às outras salas de aula.
 - ◆ Ao final da proposta, sugerir que realizem uma autoavaliação sobre a forma como planejaram e concretizaram as oficinas. Avaliar conjuntamente os aspectos positivos e aqueles ainda a melhorar.

Após o planejamento, é possível acompanhar a realização das ações ligadas à leitura e à valorização da escola como espaço de construção de conhecimentos literários. Para isso, pode-se lançar mão de algumas estratégias formativas, como a reflexão com os professores, a observação em sala de aula (não como fiscalização, mas como parceria entre professores e coordenador), a análise coletiva das produções dos alunos e a revisão das ações e atividades. Por meio desse acompanhamento, os professores serão apoiados e poderão compartilhar o andamento das aulas, além de ter mais intencionalidade para criar condições adequadas às aprendizagens dos alunos.

É importante que os resultados sejam compartilhados com todos, incluindo os alunos. O espaço da biblio-

teca ou a sala de leitura e os murais criados pelos alunos podem ser bons espaços para essa divulgação. Neles é possível expor fotos das ações realizadas com cada um dos segmentos.

Da mesma forma, as informações obtidas nas reuniões com os professores podem ser utilizadas para consolidar e avaliar os pressupostos que geraram as ações, ou seja, analisar quanto tudo o que foi feito apoiou a construção da Atitude, pelos alunos, relacionada à “valorização do conhecimento, da aprendizagem e dos professores”.

Tendo em mãos esse material, algumas ações podem ser realizadas com os professores:

- ◆ retomar o PPP da escola e complementar com os resultados alcançados;
- ◆ propor discussões para revisão de algum aspecto do documento produzido inicialmente de maneira que ele realmente reflita o que o grupo pensa e realiza;
- ◆ incluir no PPP as atividades realizadas com os alunos em relação à leitura como exemplos de propostas desenvolvidas pela escola.

Os resultados alcançados ultrapassam os muros da escola se compartilhados com outros profissionais que estejam realizando o projeto em outros tantos lugares distintos do Brasil. O portal **www.5atitudes.org.br** tem um espaço reservado para o compartilhamento de experiências.

Como se sabe, a atuação com as famílias é fundamental, pois a formação da criança ou do jovem resulta de uma parceria entre diversos atores. É importante que atividades pedagógicas sejam planejadas de forma a promover o compartilhamento de algumas ações com familiares. Nesse sentido, os professores podem propor aos alunos a elaboração de uma enquete a ser feita com os pais e a comunidade a respeito das fontes de conhecimentos e informações que mais utilizam. A enquete também pode abordar a importância de valorizar o conhecimento, a aprendizagem e os professores.

Atividade

Revisão do PPP. A proposta é que o grupo compreenda que a produção do PPP da escola é dinâmica e processual, sendo necessária uma produção contínua e reflexiva, a depender dos temas em questão.

Atividade

Planejamento de ação para a família. A intenção é estreitar as relações entre família e escola, principalmente no tema em questão.

Elaboração de enquete com a comunidade escolar sobre a “valorização dos professores, da aprendizagem e do conhecimento”

Encaminhamentos dos professores junto aos alunos

- ◆ Realizar uma roda de conversa a respeito da maneira como alunos e seus familiares buscam novas informações e conversam sobre Educação. Discutir sobre a Atitude “valorização dos professores, da aprendizagem e do conhecimento”, questionando se a acham importante, o porquê disso, o que é preciso fazer nessa comunidade escolar para que isso passe a ser algo praticado por todos, o que cabe a cada um etc.
- ◆ Compartilhar com os alunos o objetivo de montar uma enquete ligada a essa Atitude para conhecer a opinião de pais, familiares e comunidade. A ideia é que algumas mudanças possam ser feitas e a convivência e corresponsabilidade pelas aprendizagens e pela Educação das crianças sejam compartilhadas.
- ◆ Promover uma roda de conversa sobre como funciona uma enquete (a elaboração de perguntas, a realização da enquete em si com questões objetivas, a organização, a tabulação e a divulgação dos resultados) e quais os principais objetivos (consultar determinada comunidade a respeito de um tema comum a todos para tomada de decisões práticas).
- ◆ Elaborar coletivamente com os alunos questões relacionadas à Atitude tendo por base a roda de conversa realizada dias antes. Algumas perguntas sugeridas: “Como as pessoas buscam informação? Em TVs, livros, revistas, na internet? Como os pais acompanham a educação dos filhos? Quantas vezes por semana conversam com outros familiares, vizinhos ou amigos sobre Educação? Quantos professores conhecem? Quantas vezes por semana acompanham a lição de casa dos filhos?”
- ◆ Organizar e compilar com os professores de outros segmentos as perguntas elaboradas pelos alunos, de modo que todos se sintam contemplados.
- ◆ Organizar as perguntas feitas pelos alunos de todos os segmentos em um questionário e mostrá-lo a eles, para que juntos façam uma última revisão ou acrescentem questões.
- ◆ Planejar, com o CP, as adequações da enquete para que seja, de fato, realizada pelos alunos com os pais e a comunidade e se configure como uma situação de aprendizagem significativa para os alunos de todos os segmentos.
- ◆ Receber e compilar as respostas dadas pelos pais e pela comunidade à enquete e encaminhá-las à coordenação e à direção.

- ◆ Ajudar os alunos a interpretar e a compreender os resultados da enquete.
- ◆ Planejar e realizar, com o CP, o gestor escolar e os alunos, as propostas de divulgação a familiares e à comunidade dos resultados da enquete.

O que o coordenador pedagógico pode fazer

- ◆ Apoiar e planejar conjuntamente com professores todo o processo de elaboração da enquete com os alunos.
- ◆ Ajudar os professores a realizar as adequações e planejar atividades para que a enquete se transforme em uma boa situação de aprendizagem sobre a leitura, a escrita e a Atitude em questão para todos os alunos (em diferentes níveis de conhecimento).
- ◆ Compilar, com o gestor escolar, as respostas dadas pelos pais e pela comunidade à enquete e elaborar a tabulação de dados (quantidade de respostas para cada questão).
- ◆ Preparar, com o gestor escolar, o documento de divulgação dos resultados da enquete com gráficos, respostas e algumas interpretações.
- ◆ Planejar e acompanhar, com os professores e o gestor escolar, propostas de divulgação a familiares e à comunidade dos resultados da enquete.
- ◆ Divulgar, com o gestor escolar, os resultados da enquete aos alunos (em uma assembleia escolar) e ajudá-los a traçar as primeiras interpretações para os dados coletados.
- ◆ Planejar e realizar, com o gestor escolar, reuniões e eventos para divulgação dos resultados da enquete. Propor à comunidade (conselho escolar, inclusive) e aos pais que interpretem os resultados e pensem coletivamente em um plano de ações com base neles.
- ◆ Incluir os resultados no PPP da escola, com a ajuda do gestor, professores, alunos, pais e comunidade, bem como o plano de ações obtido com a enquete.

O que o gestor pode fazer

- ◆ Apoiar o CP e os professores em todo o processo de elaboração da enquete com os alunos.

- ◆ Gerir materiais e recursos humanos para que haja condições necessárias para a realização da enquete com os pais e a comunidade escolar.
- ◆ Divulgar aos pais e à comunidade escolar (em reuniões planejadas para isso) a importância de participar da enquete que será feita pelos alunos, mostrando-lhes a implicação prática dos resultados. Estes serão transformados em um plano de ações para a valorização do conhecimento, das aprendizagens e dos professores.
- ◆ Garantir as condições necessárias para que todo o processo de elaboração, realização e divulgação de resultados da enquete seja realizado com a participação dos alunos, professores, pais e comunidade escolar, incluindo o conselho escolar.
- ◆ Planejar e acompanhar, com os professores e o CP, propostas de divulgação a familiares e à comunidade dos resultados da enquete.
- ◆ Divulgar, com o CP, os resultados da enquete aos alunos (em uma assembleia escolar) e ajudá-los a traçar as primeiras interpretações para os dados coletados.
- ◆ Planejar e realizar, com o CP, reuniões e eventos para divulgação dos resultados da enquete. Propor à comunidade (conselho escolar, inclusive) e aos pais que interpretem os resultados e pensem coletivamente em um plano de ações com base neles.
- ◆ Incluir os resultados no PPP da escola, com a ajuda do CP, professores, alunos, pais e comunidade, bem como o plano de ações obtido com a enquete.

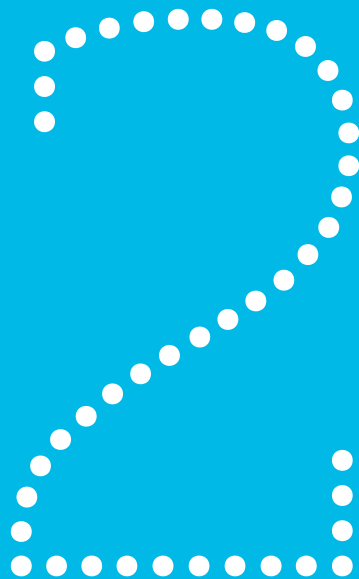
O que esperar que os pais passem a fazer

- ◆ Valorizar a construção coletiva de conhecimentos e compreender que a escola está aberta à participação da comunidade.
- ◆ Conhecer melhor o trabalho integrado entre professores, alunos, trio gestor e comunidade escolar (incluindo ações do conselho escolar).
- ◆ Dar importância aos conhecimentos construídos pelos filhos na escola.
- ◆ Valorizar as aprendizagens, bem como toda forma de divulgação delas.
- ◆ Reconhecer o trabalho profissional de professores, trio gestor e demais funcionários da escola.

É fundamental que todo o trabalho com os pais seja documentado e incluído no PPP da escola. Além disso, os relatos também podem ser compartilhados com outras comunidades no portal **www.5atitudes.org.br**.

Vale ressaltar que não só as boas práticas devem ser socializadas, mas também dúvidas, dificuldades e comentários, o que auxiliará no aprimoramento do trabalho de todos. ♦

**Promover
as habilidades
importantes
para a vida e para
a escola**





O tempo da aprendizagem

I L A N B R E N M A N

Adoro ouvir e contar histórias. Antes de escrever meu primeiro livro, em 1997, eu já contava histórias por todo o Brasil. Gosto muito de uma citação da Cecília Meireles sobre os antigos narradores: “O gosto de contar é idêntico ao de escrever – e os primeiros narradores são os antepassados anônimos de todos os escritores”.

Então, nada melhor do que começar um texto (já começado) com uma boa história.

Há muito, muito tempo, num pequeno vilarejo encravado num deslumbrante vale de um país distante do Oriente, um rico comerciante, o homem mais próspero da localidade, disse ao seu filho de 7 anos:

— Amanhã de manhã, bem cedo, nós iremos ao alto da montanha. Lá lhe direi algo muito importante para sua vida.

O menino apenas movimentou afirmativamente a cabeça e continuou brincando no seu canto.

No dia seguinte, pai e filho estavam no alto da montanha. O pai respirou fundo, ergueu a cabeça do filho e disse:

— Olhe bem todas essas terras. Um dia tudo isso será seu!

O menino olhou, não disse nada e os dois começaram a descer.

Na semana seguinte, o pai de outro menino de 7 anos, um homem simples, trabalhador e que sabia a importância da sabedoria e do conhecimento para a vida do filho, combinou um passeio para o topo da montanha, exatamente no mesmo lugar onde o homem mais rico do vilarejo tinha estado com seu filho.

No dia marcado, pai e filho chegaram exaustos ao topo. Depois de recuperarem o fôlego, o pai abraçou o filho, ergueu sua cabeça e disse:

— Filho, veja que beleza!

Os dois passaram um bom tempo contemplando aquela deslumbrante paisagem e começaram a descer a grandiosa montanha.

O que os meninos da história que contei podem ter aprendido com os respectivos pais? Um filósofo contemporâneo, Zygmunt Bauman, poderia responder dizendo que o primeiro menino está aprendendo a ser um caçador, alguém que olha para o mundo com fome e, para saciá-la, corre atrás da sua caça e a abate. O segundo menino estaria aprendendo a ser um jardineiro; ele também tem fome, mas, para saciá-la, percebe que pode respeitar a natureza e tirar de lá seu alimento.

Caçadores ou jardineiros? Acredito que podemos tornar essa resposta menos maniqueísta buscando uma aproximação entre jardineiros e caçadores, ambos com características e habilidades importantes para o crescimento individual e comunitário: estudo, intuição, paciência, inovação, esforço, garra... Na fusão de jardineiros com caçadores talvez criemos um sujeito que, quando faminto, saiba decidir sabiamente qual a melhor forma de saciar sua fome.

A escola ocidental está estritamente vinculada com antigas escolas gregas, e nelas o *jardim* e a *caça* se fazem presentes. Uma das correntes filosóficas mais famosas da Antiguidade tinha por nome *O Jardim de Epicuro*, e outra conhecida escola grega, em que Aristóteles caminhava pelo bosque ensinando seus alunos, chamava-se *Liceu*, porque o lugar ficava perto do templo de Apolo Liceu, o caçador de lobos.

E como eram essas antigas (ou modernas) escolas gregas? Desvelando a origem da palavra “escola”, podemos nos aproximar da sua essência. Ela se relaciona com a palavra “ócio”, que, por sua vez, está associada ao conceito de tempo. Nas antigas escolas gregas, os aprendizes tinham tempo para descobrir suas habilidades e adquirir novas.

Na Academia de Platão, no Jardim de Epicuro e no Liceu de Aristóteles, o tempo era utilizado para conversar, estudar, fazer exercícios físicos (mente sã e corpo sã),

brincar, contemplar e questionar. Algumas escolas atuais parecem ter esquecido sua origem, estrangulando o tempo do aprendizado e, com isso, as diversas possibilidades de descobrir novas habilidades.

Lembro de uma mãe aflita me contando que sua filha de 8 anos andava deixando de escovar os dentes em casa. Quando lhe perguntou o motivo, a menina respondeu que era tanta matéria para estudar e tantas tarefas para fazer que não sobrava um tempinho sequer. E estamos falando de uma menina de 8 anos!

Conheço também escolas que diminuíram a hora do recreio, momento fundamental na vida de qualquer ser humano. “Recreio” significa “re-criar”; é o momento no qual nossas habilidades socializantes são postas à prova, em que 15 ou 20 minutos se transformam num universo à parte.

Assim, vejo a literatura como uma das grandes ferramentas para suspender o tempo aceleradíssimo que nossas crianças estão vivendo. Guimarães Rosa definiu bem o efeito de uma boa narrativa: “O minuto parou”. São as histórias lidas e contadas que transportam o aluno para o ambiente dos sonhos, e sem os sonhos não há aprendizagem!

Contar e ler histórias desde bem cedo ensina ao aluno a ouvir e respeitar o narrador/leitor, estabelece regras de convívio, estimula exponencialmente a criatividade, demanda do ouvinte/leitor uma concentração intensa. Histórias puxam histórias, e crianças que leem e ouvem muitas falam mais, perguntam mais, são mais curiosas. E a curiosidade é um dos principais motores da aprendizagem escolar.

Para concluir, não poderia deixar de contar outra história.

Num antigo mosteiro tibetano, um aluno se aproximou do seu professor e disse:

— O que mais quero na vida é conseguir a iluminação.

— E como fará para alcançá-la? — perguntou o professor.

— Vou praticar muito, meditar muito, estudar todos os dias da semana, sem descanso — respondeu o aluno, empolgado.

O professor nada disse e o aluno começou seu projeto para alcançar a tão almejada iluminação.

A partir daquele dia, o aluno estudava muito, praticava muito, meditava muito e nada acontecia. Meses e anos se passaram, até que um dia o professor, vendo a decepção do aluno, aproximou-se e disse:

— Por que tanta pressa?

— Já lhe falei, professor. É que quero alcançar a iluminação — respondeu o aluno, apontando com o dedo para a frente.

— E quem lhe disse que a iluminação está à sua frente? Ela pode estar atrás de você. Pode ser que, se você parar de correr afobadamente atrás dela, talvez ela o alcance um dia! ♦

Ilan Brenman é considerado um dos mais importantes autores infantis do Brasil. Já publicou mais de 60 livros, ganhou diversos prêmios e foi traduzido em vários idiomas. É psicólogo com mestrado e doutorado em Educação pela Universidade de São Paulo, mas o que ele gosta mesmo é de inventar histórias e fazer livros cada vez mais bonitos. É colunista da revista *Crescer*, onde escreve sobre Educação, cultura e comportamento, entre outros temas. É autor do livro *Papai é meu*, também publicado em catalão, valenciano e espanhol.

Orientação para formação continuada

 Tempo previsto: 8 horas

“O tempo da aprendizagem”, escrito por Ilan Brenman, autor de vários sucessos da literatura infantil, tem como base a Atitude “Promover as habilidades importantes para a vida e para a escola”. Fundamental nos tempos atuais, em que a escola deve apoiar os alunos na construção de ferramentas que lhes permitam seguir aprendendo vida afora, essa Atitude também direciona as orientações deste capítulo para a formação continuada dos professores.

O texto de Ilan faz pensar em diversos valores que, desde a infância, podem ser transmitidos e aprendidos como algo que se leva também para as relações pessoais e profissionais ao longo da vida. O autor recorre a duas histórias para ilustrar ideias que tem sobre o tema. Na primeira delas, dois pais, moradores do mesmo vilarejo, ensinam aos filhos valores completamente diferentes ao contemplar uma mesma paisagem. A alegoria dos “jardineiros” e “caçadores” permite discutir com os professores, além dos sentidos do texto para cada um, as escolhas pedagógicas praticadas nas escolas a respeito do que se propõe e do que se espera que os mais jovens aprendam, ligadas às habilidades a ser desenvolvidas. Em outras palavras, é preciso definir as aprendizagens necessárias que dão a base para tudo o que se constrói na vida. A escola, nesse sentido, é imprescindível.

Outro aspecto tratado no texto merece especial atenção na conversa com os professores: o tempo. É importante debater com eles esse conceito como ingrediente fundamental para o desenvolvimento e a construção de habilidades na escola, em casa e na comunidade. Pode-se também discutir sobre o tempo didático como condição entre o que se pretende ensinar e o que os alunos de fato aprendem. Para aprofundar o assunto, a sugestão é projetar o pequeno texto a seguir, de autoria da pesquisadora argentina Delia Lerner.

Atividade inicial

Leitura do texto
“O tempo da aprendizagem”,
de Ilan Brenman.

Atividade

Leitura compartilhada
de texto sobre o tempo
didático.

Estratégia

Em grupos pequenos,
os professores discutem
as questões previamente
colocadas e, em seguida,
compartilham as
conclusões.

Leitura compartilhada: o tempo de leitura

“A forma como se distribui o tempo de aula representa a importância que se atribui aos diferentes conteúdos. Ao destinar momentos específicos e preestabelecidos que serão sistematicamente dedicados à leitura (por exemplo), comunica-se às crianças que ela é uma atividade muito valorizada. Esse é um dos benefícios que as atividades habituais proporcionam.”

LERNER, Delia. Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário. Porto Alegre: Artmed, 2002.

Questões para discutir em grupo

1. Quais conteúdos têm sido mais valorizados em detrimento de outros, também importantes, cujas situações de ensino mereceriam mais tempo?
2. O tempo dedicado a esses conteúdos tem sido suficiente para a construção de habilidades dos alunos para a escola e para a vida? O que é possível fazer para melhorar essa relação?

O que não pode faltar na discussão

- ◆ Discutir a necessidade de conciliar o tempo de todos com o tempo de cada um. É fundamental planejar como lidar com essas variáveis, propondo a alternância de atividades individuais, coletivas e em pequenos grupos (independentemente do conteúdo e do nível de ensino).
- ◆ Observar que a construção de habilidades requer tempo – o texto de Ilan Brenman trata disso também. É desejável que os professores debatam em termos gerais, bem como específicos de suas áreas e discipli-

nas, quais são os ajustes necessários para que os alunos avancem no que ainda precisam desenvolver.

- ◆ Mostrar que é importante trazer à tona o tempo adequado para a construção de habilidades docentes, ou seja, garantir o espaço para o planejamento e a reflexão dos professores sobre a prática, para a avaliação daquilo que ensinam e esperam que os alunos aprendam.
- ◆ Elencar as condições de que a escola precisa para assegurar aos alunos o direito de desenvolver as habilidades esperadas para o ano de escolaridade e o segmento.

Após o trabalho em grupo, proponha a socialização dos resultados e, em seguida, solicite que, individualmente, escrevam uma pequena síntese sobre tempo na escola *versus* construção de habilidades pelos alunos. Não há necessidade de que leiam os parágrafos para o grupo. Peça que os reservem para ampliar a próxima conversa.

O que se espera aqui é que os professores tenham mais condições de pensar as práticas e adquiram visão crítica do uso do tempo com os alunos em sala de aula. É possível que apareçam questões sobre a organização da rotina, a distribuição dos conteúdos ao longo do período letivo e a necessidade de repensar alguns deles. É fundamental antecipar o que os educadores poderão falar a respeito do tempo e levar o foco da discussão para as soluções a ser encontradas pelo grupo. Aproveitar esse espaço de debate será importante para ampliar a possibilidade de construção dos conhecimentos coletivos.

A proposta seguinte é que os professores aprofundem as reflexões sobre as habilidades dos alunos desenvolvidas na escola e a contribuição que já oferecem ou que podem ampliar ao lidar com habilidades importantes para a vida e a escola. Entregue a cada um uma lista de ações (a seguir) e proponha que identifiquem, coletivamente, quais habilidades podem ser trabalhadas ou construídas pelos alunos com base nessas ações.

Atividade

Discussão sobre lista de ações que podem ser desenvolvidas com os alunos.

Estratégia

Realizar a atividade coletivamente. Em seguida, em pequenos grupos (organizados por segmento), propor que retomem as ações que já realizam e pensar nas condições necessárias para transformá-las em atividades para os alunos.

Lista de ações

Para que as competências sejam desenvolvidas com os alunos, nós, educadores, precisamos trabalhar formas diferenciadas de colocar em prática algumas situações de ensino:

- ◆ Encorajar a postura questionadora.
- ◆ Proporcionar momentos em que possam expor o que sabem.
- ◆ Incentivá-los a enfrentar desafios, mediando os processos de aprendizagem e explicitando-os.
- ◆ Realizar avaliações em que possamos monitorar constantemente os avanços de cada um e promover autoavaliações para que eles monitorem a própria aprendizagem.
- ◆ Propor atividades que exijam concentração, como jogos e contação de histórias.
- ◆ Propor atividades simples que possam ampliar o universo linguístico, como conversar e perguntar; ouvir e cantar músicas juntos; fazer apresentações em público; conversar com as crianças e os jovens sobre fatos do dia a dia.
- ◆ Colocar à disposição materiais impressos variados e de qualidade (livros, revistas, gibis), garantindo o acesso permanente dos alunos às informações.
- ◆ Assegurar o acesso à tecnologia como parte do processo de ensino e de aprendizagem por meio do uso de salas de informática (quando houver) ou frequentando centros digitais, se disponíveis.
- ◆ Discutir com os demais profissionais da escola a priorização do tempo escolar para atividades e conteúdos importantes no contexto em que vivemos.

- ◆ Possibilitar diferentes tempos para aprender, considerando o ritmo de cada um e o exercício da persistência necessária a algumas aprendizagens.
- ◆ Propiciar momentos em que os alunos mostrem talentos e possam se expressar livremente.
- ◆ Realizar a gestão da sala de aula, alocando o tempo necessário à aprendizagem e imprimindo ritmo ao processo para que todos se sintam desafiados e estimulados.

Em seguida, a sugestão é que os professores se agrupem por segmento e escolham uma das ações que já realizam integral ou parcialmente, compartilhando-a e aprofundando-a com os demais, de acordo com o seguinte roteiro:

Roteiro para apresentação dos grupos

1. Ação escolhida: (escrever qual será).
2. Quais habilidades podem ser desenvolvidas ou construídas pelos alunos por meio dessa ação?
3. Qual é o tempo didático dedicado a ela?
4. Com que frequência acontece na rotina?

Enquanto os grupos discutem e se preparam para apresentar as ações que realizam com os respectivos alunos, compartilhe com todos a citação do cientista bielorrusso Lev Semenovitch Vygotsky (1896-1934), importante autor ligado à perspectiva sócio-histórica da aprendizagem e do desenvolvimento humano.

[...] a imaginação, base de toda atividade criadora, manifesta-se, sem dúvida, em todos os campos da vida cultural, tornando tam-

Atividade

Projetar o trecho do pensamento de um autor importante para o desenvolvimento da linguagem e do pensamento humanos e pedir que os professores o incluam nas reflexões em grupo.

VYGOTSKY, L. S. Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico – livro para professores. São Paulo: Ática, 2009, p. 14. (Vygotsky, 2009, p. 14.)

bém possível a criação artística, a científica e a técnica. Nesse sentido, necessariamente, tudo o que nos cerca e foi feito pelas mãos do homem, todo o mundo da cultura, diferentemente do mundo da natureza, tudo isso é produto da imaginação e criação humana que nela se baseia.

Ao comentar o enunciado, destaque a relevância que o autor dá à imaginação como habilidade imprescindível para a atividade criadora em todos os campos da vida: cultural, artístico, científico e técnico. Juntamente com o pensamento e a criatividade, a imaginação compõe o trio de habilidades a ser desenvolvido para a vida e a escola. Solicite aos grupos que também reflitam sobre isso antes de socializar suas conclusões com os demais.

Em seguida, proponha que os grupos compartilhem seus pontos de vista, destacando o que é específico de cada segmento. Peça que falem a respeito da ação e das habilidades e estabeleçam a relação entre o tempo didático dispendido nelas e as maiores (ou menores) possibilidades e condições oferecidas aos alunos para construí-las.

Dando prosseguimento, a sugestão é apresentar coletivamente três trechos do filme *Minhas tardes com Margueritte*, de Jean Becker, e/ou entregar trechos transcritos para realizar uma discussão com os professores. Para uma breve contextualização, compartilhe a resenha a seguir, pergunte se alguém já assistiu ao filme e solicite que comentem.

Atividade

Exibição do filme *Minhas tardes com Margueritte*.

Estratégia

Se possível, reproduzir os trechos do filme para os professores (se houver tempo, o filme inteiro), além de entregar a transcrição dos diálogos.

Trecho 1 começa em 07'06".

Trecho 2 começa em 14'10".

Trecho 3 começa em 34'52".

Leitura compartilhada: *Minhas tardes com Margueritte*

"Germain, um cinquentão quase analfabeto, e Margueritte, uma velhinha apaixonada por livros. Quarenta anos e muitos quilos os separam. Um dia, por acaso, Germain senta ao lado dela em um banco no parque. Ela recita em voz alta versos, dando assim a ele a chance de descobrir a magia dos livros, que nunca fizeram parte de sua vida. Mas Margueritte está perdendo a visão e Germain resolve aprender a ler, fortalecendo os laços construídos nessa relação."

Resenha na contracapa do DVD Minhas tardes com Margueritte. Direção: Jean Becker. França, 2010. 78 min. (Imovision)

Leia com o grupo trechos dos diálogos (a seguir) e/ou exiba cenas do filme, para que todos reflitam sobre aspectos que se relacionam com a promoção das habilidades importantes para a vida e a escola.

Leitura compartilhada: diálogos do filme

TRECHO 1

Landremont, um dos colegas de Germain, está em um restaurante fazendo palavras cruzadas e fala as letras em voz alta, tentando adivinhar a palavra a ser escrita. Germain está por perto e tenta participar da conversa.

Landremont – Orientador Maupassant, orientador... Uma, duas, três, quatro... Ah! Um guia! Guia de Maupassant. O que não inventam? Guy de Maupassant?

Germain – O quê? O Guia de Maupassant, como o Guia Michelin?

Landremont – Essa não! O Guia de Maupassant? Está brincando? Como o Guia de Michelin? Que burro, que burro!

Germain – O que foi?

Landremont – Nada, nada...

Germain – Se acha muito esperto, você?

Cena do filme volta à memória de Germain, quando criança na escola. Está na sala, em pé, diante dos colegas, e é humilhado pelo professor.

Professor – Então, Chazes, não sabes a resposta? Senhor Chazes, não sabe o que fazes? (Crianças riem dele diante da classe.) É o problema de Chazes ser mais lento que os outros rapazes. (Outros meninos riem.) Não acompanha os rapazes, não é mesmo, Chazes?

TRECHO 2

Germain e Margueritte estão sentados no banco da praça antes de ela começar a ler para ele, que lhe fala sobre alguns amigos.

Germain – Tenho um amigo chamado Jojo Zecuque, que batizou seu papagaio de De Gaulle, porque ele fica repetindo: "Eu entendi, eu entendi".

Margueritte – Ele é cozinheiro, o seu amigo?

Germain – A senhora conhece Jojo?

Margueritte – Não, nunca tive a honra.

Germain – Então como sabe que ele é cozinheiro?

Margueritte – Você disse "Jojo, the cook!". "The cook", em inglês, quer dizer cozinheiro.

Germain – Ah! Zecuque quer dizer... Sim, entendi. É como o dono da mercearia que se chama "Sr. Pathé", ou o carpinteiro que se chama "Sr. Serra". Jojo, o cozinheiro, só que em inglês. Agora entendi. Será que ele sabe disso?

Germain volta ao bar/restaurante em que seu amigo trabalha e conversa com ele, enquanto carregam uma caixa de alimentos para o carro. Landremont, que está sentado a uma das mesas, também entra na conversa.

Germain – Jojo, tem sorte de ser cozinheiro com seu nome!

Jojo – É mesmo? Me ajude aqui. (A segurar a caixa.)

Germain – Pode deixar. Onde quer colocar?

Jojo – Lá fora. É para o casamento.

Germain – Vai ter um casamento? Landremont, sabe que Jojo tem sorte de ser cozinheiro? Com o sobrenome Zecuque?

Landremont – Do que ele está falando?

Germain – Não entende? "Zecuque" é "o cozinheiro" em inglês! Complicado demais para você!

Landremont – Ele é devagar mesmo!

Jojo – Germain, meu nome é Pelletier. Joel Pelletier. "The cook" é porque trabalhei na Inglaterra. É um apelido.

Landremont – Um apelido.

Germain – Tudo bem, entendi.

Landremont – É como chamar você de "The mongó".

Dona do bar/restaurante – Germain não é mais burro do que vocês. Além disso, é o mais gentil. O que vai beber?

Germain – Um vinho branco.

TRECHO 3

Germain e Margueritte conversam sentados no banco da praça, depois que ele a presenteou com uma caixa de legumes e frutas plantados por ele mesmo.

Germain – Fertilizantes, fertilizantes... Você pode encharcar a terra de fertilizantes. Se ela for ruim, continuará ruim. Pode conseguir, no máximo, umas cinco batatas pequenas. Mas se você tem uma terra escura, que gruda nas suas mãos, ela lhe dará tudo que tem no ventre. Sem fertilizante!

(Os dois ficam se olhando.)

Germain – O que foi?

Margueritte – Você é um bom homem, Germain. Obrigada por todas essas maravilhas, mas para carregá-las preciso de uma carroça.

Germain – Vou ajudá-la. Onde a senhora mora?

Margueritte – Em Os Álamos, o lar de idosos nos limites da cidade.

Germain – Ah! Uma amiga da minha mãe morava lá. Ela fazia palavras cruzadas e mastigava as peças. Um dia engoliu um “z” e acabou morrendo.

(Margueritte ri.)

Margueritte – Oh, me desculpe, Germain. É muito triste. Sinto pela amiga de sua mãe. Um acidente lamentável...

[...]

Germain – Uma frase ficou na minha cabeça. É do livro que nós começamos: “Uivar como um cão sobre o túmulo de sua mãe”.

Margueritte – Tem certeza dessa frase?

Germain – Sim, tenho certeza.

(Margueritte pega o livro para localizar a frase.)

Margueritte – Ah! Aqui está! Você tinha razão: “Voltamos sempre para uivar sobre o túmulo de nossa mãe, como um cão abandonado”.

Germain – Isso mesmo!

Margueritte – Germain, estou impressionada. Você tem uma excelente memória auditiva.

Germain – Não, não, não, apenas me lembro das coisas que ouço.

(Margueritte concorda, rindo um pouco, e continua a ler baixinho.)

Questões para discutir em grupo

1. De acordo com os trechos selecionados, vocês consideram que Germain construiu habilidades para a vida? Justifiquem as respostas.
2. Quando criança, houve condições para que Germain desenvolvesse habilidades?
3. Recentemente, com Margueritte, o que mudou?

Socialize o que os grupos discutiram e proponha que continuem pensando nas habilidades a ser desenvolvidas para a escola e a vida, a partir de agora, no contexto das atividades docentes.

Refletir sobre aspectos ligados à prática pedagógica tendo como apoio a linguagem e o conteúdo do cinema é uma estratégia potente, que ajuda o formador a focar a discussão, aprofundando-a por meio dos sentidos dados

pelos professores às cenas vistas/lidas. Por isso, é imprescindível realizar a leitura compartilhada, de modo que depois, quando estiverem debatendo, consigam retomar as cenas e pensar no que foi proposto.

O que se espera não é um julgamento moral do comportamento de Germain ou de seus amigos, e sim uma reflexão sobre quais condições foram criadas (ou não) na infância do personagem para que construísse habilidades e conhecimentos de base para a escola e a vida. É possível que os professores percebam que, mesmo sem instrução, Germain se tornou gentil, um “bom homem”, como afirmou Margueritte. Outra conclusão possível é a seguinte: durante os encontros que tiveram no parque, Margueritte lia em voz alta para Germain, comentando o livro e demonstrando prazer ao falar sobre os autores; isso criou algumas condições para que Germain se interessasse por ler, desenvolvesse o gosto por escutar histórias ou mesmo ampliasse a memória auditiva.

Planejamento

Solicite aos docentes que continuem trabalhando em pequenos grupos e que sintetizem toda a produção até o momento em um parágrafo individual sobre o tempo na escola *versus* o desenvolvimento de habilidades pelos alunos, graças à atuação dos professores e da escola.

Combine que utilizarão esse material em conjunto com os documentos oficiais disponíveis para leitura, dos quais selecionarão trechos que sirvam como referência do que os alunos podem aprender ao longo do segmento e/ou disciplina com o qual trabalham. Esses trechos também anteciparão as condições a ser garantidas por eles e pela escola para favorecer a construção dessas habilidades.

A ideia é que os professores possam usar diretamente as orientações curriculares, matrizes de referência de avaliações externas e diretrizes nacionais. Familiarizados com esses documentos, poderão relacioná-los com as condições que são mais ou menos garantidas pela ação deles e da escola onde trabalham, além de aprender a utilizá-los como referência para futuros planejamentos.

Atividade

Buscar na escola documentos oficiais sugeridos (todos os que estão disponíveis na versão digital no site do MEC são enviados às escolas) e projetar exemplos de uso desses documentos como referência para planejamento. É fundamental conhecer a estrutura e o conteúdo dos documentos para orientar os professores a encontrar as informações que procuram.

Para apoiar os professores nessa empreitada, apresentamos os exemplos a seguir, divididos por segmento.

Educação Infantil

Documentos sugeridos:

- ◆ *Diretrizes curriculares nacionais para a Educação Infantil*, capítulo "Práticas pedagógicas da Educação Infantil", tópico "Eixos do currículo". Disponível para download em: <http://goo.gl/t8KGjQ>. Acesso em: 12 ago. 2014.
- ◆ *Diretrizes curriculares nacionais da Educação Básica*. Disponível para download em: <http://goo.gl/fTOUij>. Acesso em: 12 ago. 2014.

Trechos do documento utilizado como referência para pensar nas habilidades das crianças	Habilidades inferidas do trecho do documento	Condições a ser garantidas pelos professores e pela escola
<p>Eixos do currículo</p> <p>As práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira e garantir experiências que:</p> <p>[...] Favoreçam a imersão das crianças nas diferentes linguagens e o progressivo domínio por elas de vários gêneros e formas de expressão: gestual, verbal, plástica, dramática e musical.</p> <p>Fonte: BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Práticas pedagógicas da Educação Infantil. In: <i>Diretrizes curriculares nacionais para a Educação Infantil</i>. Brasília: MEC, SEB, 2010, p. 25.</p>	<p>Expressar-se livremente por diferentes linguagens.</p> <p>Conhecer e dominar progressivamente diferentes gêneros e formas de expressão (gestual, verbal, plástica, dramática, musical).</p>	<p>Incluir na rotina diária dos grupos de Educação Infantil propostas de expressão plástica (desenho, pintura, escultura).</p> <p>Planejar de forma permanente e habitual experiências em que as crianças falem, dançam, cantem, ouçam músicas, toquem instrumentos, pintem, coletem, ouçam leituras, leiam de seu próprio jeito, brinquem, dramatizem, façam de conta etc.</p>

Anos Iniciais do Ensino Fundamental

Documentos sugeridos:

- ◆ *PDE – Prova Brasil, 2011: Língua Portuguesa e Matemática*. Disponível para download em: <http://goo.gl/EzSTIE>. Acesso em: 12 ago. 2014.
- ◆ *Avaliação nacional da alfabetização: Língua Portuguesa e Matemática*. Disponível para download em: <http://goo.gl/80Hnt7>. Acesso em: 12 ago. 2014.
- ◆ *Diretrizes curriculares nacionais da Educação Básica*. Disponível para download em: <http://goo.gl/2TlicC>. Acesso em: 12 ago. 2014.

Trechos do documento utilizado como referência para pensar nas habilidades das crianças	Habilidades selecionadas do documento	Condições a ser garantidas pelos professores e pela escola
<p>Fonte: Matriz de referência de Matemática – eixo estruturante: numérico e algébrico. In: <i>Avaliação nacional da alfabetização (ANA): documento básico</i>. Brasília: Inep, 2013, p. 19.</p>	<p>Resolver problemas que:</p> <ul style="list-style-type: none"> ◆ demandam as ações de juntar, separar, acrescentar e retirar quantidades; ◆ envolvam as ideias da multiplicação; ◆ envolvam as ideias da divisão. 	<p>Compartilhar problemas a ser resolvidos pelos alunos de modo que busquem soluções independentemente da operação a ser feita.</p> <p>Garantir atividades habituais de resolução de problemas que envolvam as habilidades de juntar, separar, acrescentar, retirar, comparar, completar quantidades, as ideias da multiplicação e da divisão.</p> <p>Alternar situações em que os alunos resolvam problemas sozinhos, em pequenos grupos e coletivamente, para que confrontem suas soluções e pontos de vista com os colegas.</p>

Anos Finais do Ensino Fundamental

Documentos sugeridos:

- ◆ *PDE – Prova Brasil, 2011: Língua Portuguesa e Matemática*. Disponível para download em: <http://goo.gl/OD2lb6>. Acesso em: 12 ago. 2014.

- ◆ *Diretrizes curriculares nacionais da Educação Básica*. Disponível para download em: <http://goo.gl/RxMHD8>. Acesso em: 12 ago. 2014.

Trechos do documento utilizado como referência para pensar nas habilidades das crianças	Habilidades selecionadas do documento	Condições a ser garantidas pelos professores e pela escola
<p>Fonte: BRASIL. Ministério da Educação. Língua Portuguesa – Tópico III. Relação entre textos. <i>PDE (Plano de Desenvolvimento da Educação) – Prova Brasil: Ensino Fundamental – matrizes de referência, tópicos e descritores</i>. Brasília: MEC, SEB; Inep, 2008, p. 22.</p>	<p>Reconhecer diferentes formas de tratar uma informação na comparação de textos que tratam do mesmo tema, em função das condições em que ele foi produzido e daquelas em que será recebido.</p> <p>Reconhecer posições distintas entre duas ou mais opiniões relativas ao mesmo fato ou ao mesmo tema.</p>	<p>Incluir na rotina diária atividades em que os alunos leiam textos diferentes e identifiquem seus temas. Considerar também textos que tratam de um mesmo tema para que eles os comparem em relação ao contexto de produção, interlocutores, propósitos comunicativos etc.</p> <p>Assegurar frequentemente a leitura de textos em que os estudantes tenham de diferenciar os fatos de que tratam e as opiniões contidas sobre eles.</p> <p>Proporcionar situações em que os alunos leiam individualmente e depois conversem com seus colegas sobre suas interpretações, confrontando-as e negociando os sentidos dados aos textos lidos.</p> <p>Realizar atividades de leitura pelos alunos em que compartilhem e negociem os sentidos do que foi lido coletivamente.</p>

Ensino Médio

Documentos sugeridos:

- ◆ *Diretrizes curriculares nacionais da Educação Básica*. Disponível para download em: <http://goo.gl/IFL06j>. Acesso em: 12 ago. 2014.

Trechos do documento utilizado como referência para pensar nas habilidades das crianças	Habilidades selecionadas do documento	Condições a ser garantidas pelos professores e pela escola
<p>Uma formação integral, portanto, não somente possibilita o acesso a conhecimentos científicos, mas também promove a reflexão crítica sobre os padrões culturais que se constituem normas de conduta de um grupo social, assim como a apropriação de referências e tendências que se manifestam em tempos e espaços históricos, os quais expressam concepções, problemas, crises e potenciais de uma sociedade, que se vê traduzida e/ou questionada nas suas manifestações.</p> <p>Assim, evidencia-se a unicidade entre as dimensões científico-tecnológico-cultural, a partir da compreensão do trabalho em seu sentido ontológico.</p> <p>[...] Considerar o trabalho como princípio educativo equivale a dizer que o ser humano é produtor de sua realidade e, por isto, dela se apropria e pode transformá-la. [...]</p> <p>Uma consequência imediata da sociedade de informação é que a sobrevivência nesse ambiente requer o aprendizado contínuo ao longo de toda a vida. Esse novo modo de ser requer que o aluno, para além de adquirir determinadas informações e desenvolver habilidades para realizar certas tarefas, deve aprender a aprender, para continuar aprendendo.</p> <p>[...] Ela [a pesquisa como princípio pedagógico] instiga o estudante no sentido da curiosidade em direção ao mundo que o cerca, gera inquietude, possibilitando que o estudante possa ser protagonista na busca de informações e de saberes, quer sejam do senso comum, escolares ou científicos.</p> <p>Fonte: BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Diretrizes curriculares nacionais para o Ensino Médio. <i>Diretrizes curriculares nacionais gerais da Educação Básica</i>. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013, p. 162-4.</p>	<p>Aprender a ter acesso a conhecimentos científicos e refletir criticamente sobre padrões culturais, referências e tendências para compreender sua participação no mundo do trabalho.</p> <p>Compreender que, por meio do trabalho, é possível ao ser humano produzir sua realidade, apropriar-se dela e transformá-la.</p> <p>Utilizar e conhecer diversas formas de acesso a conhecimentos e ferramentas (tecnológicas) para aprender a aprender.</p> <p>Tornar-se protagonista na busca de informações.</p>	<p>Assegurar que os alunos participem de atividades de pesquisas sobre temas de seu interesse.</p> <p>Proporcionar situações frequentes em que os alunos tenham de relacionar suas pesquisas e buscas pessoais com o mundo do trabalho.</p> <p>Garantir situações em que realizem pesquisas utilizando diversas ferramentas tecnológicas e confrontem suas ideias em pequenos grupos e coletivamente, ampliando seus conhecimentos.</p>

Para finalizar o ciclo de propostas realizadas entre professores, equipe gestora e comunidade, com o intuito de garantir que os alunos desenvolvam habilidades para a escola e a vida, é fundamental compartilhar algumas das reflexões com pais e familiares. A sugestão é organizar na escola palestras ministradas por pais que tratem das competências que construíram ao longo da vida e que foram essenciais para o crescimento pessoal e para o mundo do trabalho.

É importante ajudá-los a organizar a apresentação, sugerindo que falem sobre o percurso profissional e as habilidades que precisaram aprender para ser o que são. No dia da palestra, prepare uma mesa com o diretor da escola, o coordenador, um representante dos professores e um dos alunos, além dos pais que falarão. Ao final, pode haver um debate para que alunos e pais tenham a chance de fazer perguntas e comentar o que foi apresentado, gerando uma atmosfera favorável à reflexão e à construção coletiva de conhecimentos.

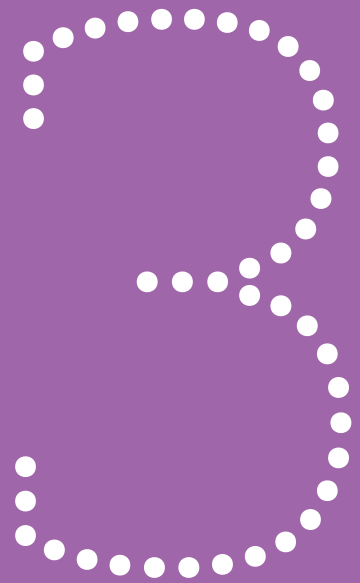
É fundamental que todo esse trabalho com professores, pais e alunos seja documentado e incluído no Projeto Político-Pedagógico (PPP) da escola. Além disso, os relatos podem ser compartilhados com outras comunidades no portal **www.5atitudes.org.br**.

Vale ressaltar que não só as boas práticas devem ser socializadas, mas também dúvidas, dificuldades e comentários, o que auxiliará no aprimoramento do trabalho de todos. ♦

Atividade

Organizar palestras de pais sobre as habilidades para a escola e a vida que cada um deles desenvolveu. É fundamental criar uma atmosfera favorável para a participação da maior quantidade possível de pais e alunos nas palestras. Assim, a escolha de quais pais ministrarão as palestras precisa ser cuidadosa e criteriosa. A sugestão é convidar pais de ex-alunos que tenham, de fato, contribuições a oferecer, compartilhando habilidades e conhecimentos.

**Colocar a
Educação escolar
no dia a dia**





Sobre viajar, educar e sonhar

R I C A R D O A Z E V E D O

Imagine um barco viajando pelo oceano rumo a um porto distante e desconhecido. Para seguir em frente, é preciso cuidar da manutenção do barco, estabelecer algum comando e normas de convivência entre os tripulantes, fazer previsões, buscar meios para obter alimento, administrar o uso da água e de outros recursos. O sonho dos navegantes é um dia chegar a um porto onde a vida seja melhor e mais justa para todos. O problema é que, tal como viver, navegar pode ser perigoso. Há sempre chance de o barco perder o rumo e aportar em lugares indesejáveis. Além disso, podem surgir tempestades, tornados e maremotos.

Faz de conta que no barco existam crianças e que essas crianças tenham aulas. Imagine aulas ministradas de forma fragmentária, por vezes abstratas demais, por vezes abordando assuntos que parecem desimportantes, aulas incapazes de fazer com que os pequenos viajantes consigam estabelecer uma conexão clara entre as matérias dadas e sua vida cotidiana.

Por que iriam eles querer aprender o funcionamento de âncoras, bússolas, velas, mastros e lemes, se não foram levados a compreender as implicações de estar no mar viajando dentro de um barco rumo a um porto desconhecido?

Na minha visão, é o que tem acontecido com a maior parte de nossas crianças e jovens.

Posso citar meu próprio caso. Fiz meus estudos num colégio grande de São Paulo, na época considerado bom, mas não conseguia compreender para que estudar a maioria das matérias. Além de estanques e dissociadas umas das outras, muitas apenas me pareciam ter um fim em si mesmas. Em suma, o conjunto das matérias escolares não conseguia criar em minha cabeça uma narrativa que fizesse sentido.

Como pano de fundo, havia no ar a constante reiteração da seguinte ideia: nós (escola e professores) sabemos tudo, e vocês (meus colegas e eu) não sabem nada.

Em tal ambiente, naturalmente não era o caso de colocar em discussão coisa alguma. Tratava-se de aprender as matérias por bem ou por mal. Era considerado bom aluno quem se submetia aos ditames escolares sem qualquer questionamento. No Ensino Médio, foi finalmente apresentada a razão suprema para aquele emaranhado de informações: passar no famigerado vestibular (!).

Pergunto: nessas condições, como desenvolver o pensamento crítico, como exercitar a imaginação, como identificar vocações, como estimular, ao mesmo tempo, a capacidade expressiva individual e a consciência exigida pela vida em sociedade?

Acabei por repetir de ano duas vezes. Fui um aluno inquieto, que não conseguia prestar atenção às aulas e volta e meia fazia bagunça. Pensando bem, não é tão fácil prestar atenção e levar a sério matérias que não fazem sentido.

Talvez um dos maiores desafios da escola, hoje, seja exatamente este: aproximar o estudante da sociedade; estabelecer uma identificação entre o aluno e o conhecimento; mostrar enfim que ele não está solto no espaço, mas, sim, faz parte de uma cultura e de uma História e que estas são vivas e estão sendo escritas.

Em outras palavras, é fundamental que os jovens sejam levados a compreender que não são a plateia, mas, muito ao contrário, são os protagonistas do futuro, e que, na escola, estão se preparando para construí-lo e ressignificá-lo.

Eis por que precisam estudar e se preparar da melhor forma possível.

Sem saber para que estudar, os estudantes, creio, terão dificuldades para aprender a pensar e articular seus conhecimentos. Podem até ser considerados verdadeiros barris de pólvora, pois viverão cheios de energia e não saberão nem onde, nem como, nem por que gastá-la. Além disso, sem pensamento crítico, certamente serão presa fácil da propaganda enganosa, do consumismo, do tráfico de drogas e do niilismo.

Crianças e jovens precisam estar convictos de que serão os atores do futuro e saber que estão na escola para aprender a pensar, para adquirir conhecimento, para construir sua subjetividade e, mais, para um dia, talvez, inventar alguma coisa que ajude a melhorar sua própria vida, a vida de seus concidadãos e a vida dos que ainda não nasceram. Dito de outra forma: para um dia, talvez, inventar algo que facilite a viagem de um barco no oceano rumo a um porto distante e desconhecido onde a vida seja melhor e mais justa para todos. ♦

Ricardo Azevedo, escritor e ilustrador paulista, é autor de mais de cem livros para crianças e jovens, entre eles: *Um homem no sótão*, *Fazedor de tatuagem*, *Histórias de bobos, bocós, burraldos e paspalhões*, *O motoqueiro que virou bicho*, *Trezentos parafusos a menos*, *Armazém do folclore*, *Ninguém sabe o que é um poema* e *Frago-sas brenhas do mataréu*. Possui livros publicados na Alemanha, em Portugal, no México, na Holanda e na França. Entre outros prêmios, ganhou quatro vezes o Jabuti. É doutor em Letras (USP) e pesquisador na área da cultura popular.

Orientação para formação continuada

 Tempo previsto: 8 horas

“Colocar a Educação escolar no dia a dia” é a Atitude que dá base às orientações apresentadas neste capítulo. Como nos anteriores, a reflexão inicial da formação deve ser feita sobre a crônica de abertura, aqui a de Ricardo Azevedo, renomado escritor brasileiro de literatura infanto-juvenil. O texto se inicia com uma metáfora que remete à viagem que todos fazemos diante de novos conhecimentos. Trata também da valorização desses saberes e da necessidade de entendimento, pelos jovens, dos propósitos das aprendizagens. Para o autor, o que nos move rumo a elas é a compreensão do sentido social que trazem em si, ou seja, entender por que e para que aprender os conteúdos escolares.

As orientações também pretendem apoiar o planejamento das reuniões com os professores – desde a Educação Infantil até o Ensino Médio. Nesses encontros, a ideia é apresentar e discutir propostas para que os objetos de conhecimento sejam abordados na rotina escolar por mais de uma área, sempre considerando os propósitos sociais dos conteúdos e refletindo sobre eles. As situações de aprendizagem devem ser planejadas para tornar explícitos esses propósitos aos alunos. Cabe, ainda, compartilhar com os pais os desafios e as conquistas, por meio de reuniões específicas para cada segmento.

A primeira tarefa é pedir aos professores que leiam o texto de Ricardo Azevedo e se preparem para conversar sobre ele nos encontros seguintes. Feito isso, é possível começar a atividade tratando dos aspectos literários e dos sentidos que cada leitor dá ao texto. Uma reflexão inicial pode dar-se acerca da metáfora utilizada pelo autor como recurso literário. Questione, por exemplo, em que outras situações entramos em contato com metáforas. É interessante apresentar na reunião alguns exemplos que esclareçam a função desse recurso e mencionar diferentes gêneros em que ele é empregado: a poesia, a canção, o cinema etc.

Atividade inicial

Leitura do texto “Sobre viajar, educar e sonhar”, de Ricardo Azevedo.

Estratégia

Explorar os recursos literários utilizados pelo autor, como a metáfora, para tratar a Atitude em questão.

Caso não saiba, prepare-se com a ajuda de um dicionário para discutir brevemente sobre o significado do termo “niilismo”.

Em seguida, a sugestão é discutir a maneira como o autor inicia e termina o texto com uma metáfora relacionada à vida, comparando-a a um barco que precisa de manutenção e do conhecimento de quem está no comando para chegar bem ao destino planejado. O debate pode prosseguir com a leitura compartilhada do segundo parágrafo, quando Azevedo começa a estabelecer o vínculo entre a metáfora e o tema central do texto.

Leitura compartilhada: trecho do texto de Ricardo Azevedo

“Faz de conta que no barco existam crianças e que essas crianças tenham aulas. Imagine aulas ministradas de forma fragmentária, por vezes abstratas demais, por vezes abordando assuntos que parecem desimportantes, aulas incapazes de fazer com que os pequenos viajantes consigam estabelecer uma conexão clara entre as matérias dadas e sua vida cotidiana.”

Quais as possíveis relações entre essa metáfora e a Atitude “Colocar a Educação escolar no dia a dia”? A seguir, alguns exemplos do que poderá emergir. Caso não apareçam naturalmente, tenha-os à mão para sugerir durante a conversa.

O que não pode faltar na discussão

- ◆ Destacar que, para que a Educação escolar esteja presente no dia a dia, é preciso que os alunos saibam qual o sentido, para a vida, daquilo que aprendem.
- ◆ Lembrar que considerar as práticas sociais quando se faz a transposição didática dos conteúdos ensinados na escola é essencial para essa compreensão de sentido.
- ◆ Observar que lidar com problemas reais constitui um bom caminho para que os conteúdos escolares façam mais sentido para os alunos.

- ◆ Mostrar que é importante relativizar o papel social dos conteúdos e explicar que alguns deles não terão aplicabilidade prática imediata. No entanto, são constitutivos do pensamento humano (e de algumas funções psicológicas superiores, como afirma Vygotsky), pois ajudam a ampliar a visão de mundo para que, mais adiante, as crianças e os jovens possam conhecer mais sobre determinadas áreas, tomar decisões, fazer escolhas.

Atividade

Discussão coletiva com base em questões planejadas e registro das conclusões e pensamentos do grupo para aprofundamento posterior.

Na sequência, outro aspecto do texto pode gerar uma discussão ligada às orientações curriculares brasileiras e à forma como as disciplinas e os conteúdos escolares estão organizados. A sugestão é reler o seguinte trecho:

Leitura compartilhada: trecho do texto de Ricardo Azevedo

“Posso citar meu próprio caso. Fiz meus estudos num colégio grande de São Paulo, na época considerado bom, mas não conseguia compreender para que estudar a maioria das matérias. Além de estanques e dissociadas umas das outras, muitas apenas me pareciam ter um fim em si mesmas. Em suma, o conjunto das matérias escolares não conseguia criar em minha cabeça uma narrativa que fizesse sentido.”

A separação dos conteúdos em disciplinas não garante que os alunos, sozinhos, consigam relacionar os objetos de ensino entre si e com a vida prática. Ao destacar esse trecho, a ideia principal é discutir coletivamente o alcance e a autonomia das escolas na organização dos conteúdos, para ajudar a alterar esse quadro. Algumas questões podem nortear a conversa: “Quais escolhas podem ser feitas?”; “Como ajudar os alunos a considerar problemas reais para aprender conteúdos de matemática, física ou química, por exemplo?”; “Como compartilhar com eles o que e para que vão aprender, de modo que tomem parte nessa aprendizagem desde a Educação Infantil?” Registre em tópicos os aspectos debatidos para retomá-los mais tarde.

Para ampliar a reflexão, projete ou distribua a seguinte frase da psicolinguista argentina Emilia Ferreiro:

Leitura compartilhada: Emilia Ferreiro

"É preciso sermos enfáticos: a escrita é importante na escola pelo fato de que é importante fora da escola, não o contrário."

FERREIRO, Emilia. Cultura escrita e educação. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

Nessa etapa, a sugestão é que os professores se organizem em grupos, conforme o segmento em que atuam, para o seguinte aprofundamento:

Tomando como exemplo a frase de Emilia Ferreiro e relacionando-a ao que Ricardo Azevedo apontou no quinto parágrafo sobre a cisão entre as disciplinas e a falta de relação entre elas, além do desconhecimento dos porquês de estudar alguns conteúdos, retome as anotações da discussão coletiva feita anteriormente e aborde com o grupo estas questões:

- ◆ Nos planejamentos coletivos, pode-se lançar mão de quais recursos para conciliar os propósitos didáticos e os comunicativos (objetivos dos professores e dos alunos, consequentemente)?
- ◆ Como será possível mudar essa fragmentação na prática das disciplinas e áreas/segmentos de atuação?

Mais uma vez, tenha à mão alguns tópicos para que, caso não apareçam naturalmente, possam ser apresentados aos grupos.

O que não pode faltar na discussão

1ª questão

- ◆ Incentivar os professores a notar, por exemplo, que o compartilhamento de significado entre o que propõem e o que os alunos podem realizar é uma das chaves para que o aprendizado comece a fazer sentido

Atividade

Projetar ou expor em um cartaz os tópicos anotados ao longo da discussão coletiva anterior, para que os grupos os tomem como base e se aprofundem neles em suas conversas.

para os estudantes e ganhe relevância aos olhos deles. Ao tomar parte naquilo que devem aprender, crianças e jovens passam a compartilhar objetivos e sentidos, engajando-se mais na própria aprendizagem.

- ◆ Destacar que alguns conteúdos, como a escrita, precisam ter dentro da escola o sentido que têm fora dela.
- ◆ Considerar que, para os alunos, ainda pode ser difícil relacionar trigonometria ou física com a vida, o que não faz com que estas deixem de ser áreas importantes e necessárias para a constituição do pensamento e a ampliação dos conhecimentos de mundo.
- ◆ Destacar o fato de que, muitas vezes, estabelecer relações pode depender da forma como o professor ensina, promovendo ou não essa aproximação. Outras vezes, o objeto do conhecimento é que define se são mais ou menos aplicáveis na prática.
- ◆ Mostrar que é preciso considerar a diversidade de saberes a serem adquiridos na escola; nem todos serão usados na prática ou terão aplicabilidade imediata. Afinal, muitas coisas que aprendemos criam repertório para a ampliação de conhecimentos básicos que apoiam a tomada de decisões, as escolhas etc.

2ª questão

- ◆ Incentivar os professores a discutir as condições para as possibilidades de ação interdisciplinar.
- ◆ Deixar claro durante o debate que é a natureza do objeto de conhecimento que demanda a explicação interdisciplinar, e não uma escolha didática do professor.
- ◆ Ressaltar que é muito comum escolher um tema anual, por exemplo, “Copa do Mundo”, e cada área do conhecimento ser obrigada a encontrar um aspecto a explorar, forçando essa abordagem interdisciplinar. Porém, a relação é mais profunda: é o objeto do co-

nhecimento que pede explicações de diferentes áreas. Um bom exemplo, ainda ligado à Copa do Mundo, seria a definição de um propósito comunicativo que caberia aos alunos, como escrever folhetos informativos a respeito dos países participantes da Copa 2014 e distribuí-los em estabelecimentos comerciais da comunidade. Além de terem de aprender sobre o gênero, a linguagem e a diagramação adequados a um folheto (a forma de comunicar), eles precisariam pesquisar dados geográficos, históricos e até estatísticos sobre tais países, suas relações com o futebol e sua participação em Copas anteriores (conteúdos de algumas disciplinas a serem pesquisados em diferentes fontes).

Sabe-se que a (in)disciplina dos alunos é uma das principais queixas de professores, sobretudo no caso de adolescentes. Tais queixas traduzem a necessidade de saber mais e de aprofundar conhecimentos e práticas. Ricardo Azevedo fala de si mesmo (“Fui um aluno inquieto, que não conseguia prestar atenção às aulas e volta e meia fazia bagunça”) e aponta, no trecho a seguir, alguns dos possíveis motivos para que a indisciplina esteja presente no dia a dia das escolas.

Leitura compartilhada: trecho do texto de Ricardo Azevedo

“Sem saber para que estudar, os estudantes, creio, terão dificuldades para aprender a pensar e articular seus conhecimentos. Podem até ser considerados verdadeiros barris de pólvora, pois viverão cheios de energia e não saberão nem onde, nem como, nem por que gastá-la. Além disso, sem pensamento crítico, certamente serão presa fácil da propaganda enganosa, do consumismo, do tráfico de drogas e do niilismo.”

Colocar esse tema em discussão (se ainda não apareceu nos encontros anteriores) pode ser interessante justamente para que os grupos cheguem juntos a propostas de solução. Muitas vezes, os casos de indisciplina precisam ser analisados um a um. Resolvê-los certamente envolve um planejamento intencional de atividades em que o sen-

Atividade

Distribuir e analisar em grupos o estudo de caso sugerido.

Estratégia

É importante se preparar com antecedência para discussões sobre temas polêmicos, como a indisciplina. A sugestão é que o debate não seja evitado, mas aprofundado. É interessante pensar em soluções didáticas possíveis de planejar conjuntamente. A análise de estudos de caso é uma estratégia formativa potente. O importante não é chegar a uma única conclusão “correta”, mas analisar todas as possibilidades e variáveis com os professores para que eles tomem as próprias decisões quanto ao caminho que pretendem seguir, com base na experiência relatada.

tido dos conteúdos escolares seja compartilhado com os alunos. Dessa forma, eles se apropriam do conhecimento e de algumas atividades escolares, passando a desempenhar papel ativo diante daquilo que têm de aprender, e, finalmente, entendem o porquê do que lhes é ensinado e do que estudam.

Durante essa conversa, é importante citar casos reais, bem como pedir que os professores relatem experiências. Por exemplo: quando os alunos estudam um tema porque sabem que vão escrever um livro, o qual, por sua vez, será apresentado e distribuído para a comunidade escolar ou entregue à biblioteca da escola, em geral mudam o comportamento (para melhor!). O engajamento fica visível e todos se dedicam mais, pois sabem que há um propósito comunicativo no projeto.

Para ampliar a discussão, o seguinte estudo de caso pode ajudar:

Leitura compartilhada: estudo de caso

Em uma escola pública municipal de Ensino Fundamental do interior de Santa Catarina, os alunos fazem diferentes atividades com muita autonomia. No prédio anexo, onde ficam as crianças de Educação Infantil (EI), a atmosfera não é diferente. Nesses ambientes, é muito comum elas trabalharem com liberdade, em duplas ou pequenos grupos, nos mais variados espaços da escola. Totalmente envolvidos, demonstram estar conscientes das tarefas que precisam realizar para desenvolver os projetos. Mesmo os do Ensino Fundamental II (EFII), que muitas vezes descem para o intervalo fazendo muito barulho pelos corredores, parecem outras crianças quando andam pela escola realizando essas atividades.

Nas salas de aula de uma das turmas do Ensino Fundamental II, é possível ver os estudantes classificando palavras no quadro, com muita autonomia, enquanto outros, individualmente ou em pequenos grupos, realizam outras atividades. É curioso observar que nem é possível perceber onde a professora está, tamanha a “descentralidade” da aula.

Pelos corredores há também muitos cartazes mostrando o percurso que as crianças fizeram para o desenvolvimento dos projetos. Durante todo o processo, os alunos (da EI ao EF II) fazem autoavaliação e críticas aos trabalhos uns dos outros. Isso lhes permite monitorar o trajeto, tornando-os conscientes de suas aprendizagens.

Proponha que os professores, em pequenos grupos, se posicionem e identifiquem pontos de vista sobre essa situação. “Quais os aspectos positivos e negativos (se houver)?” “O que podem levar dessa experiência para a prática em sala de aula?” Ao final, peça aos grupos que socializem as discussões.

Planejamento

Como se sabe, a participação das famílias para colocar a Educação escolar no dia a dia é fundamental. Pais, familiares e comunidade podem e devem valorizar o que as crianças e os jovens aprendem e ajudar a estabelecer relações entre a vida e os conteúdos de sala de aula.

Para isso, é importante que educadores compartilhem com os familiares as diferenças no tratamento de alguns temas. Isso deverá ocorrer em reuniões específicas para os pais de cada segmento. Nesses encontros, será interessante apresentar, por exemplo, atividades realizadas pelas crianças e pequenos vídeos da rotina na escola. Se houver essa possibilidade, os próprios alunos podem comunicar parte daquilo que aprenderam, em uma breve participação na reunião de pais, ou preparar algo especial para eles, que o professor apresentará em nome da classe.

A seguir, estão reunidas orientações específicas para o planejamento das reuniões de pais de alunos da Educação Infantil ao Ensino Médio, com propostas relacionadas à Atitude “Colocar a Educação escolar no dia a dia”, bem como o papel de cada um – professores, coordenadores, gestores e pais – diante dessas situações:

Reunião de pais para cada segmento, relacionada à Atitude “Colocar a Educação escolar no dia a dia”

Encaminhamentos dos professores junto aos alunos

Educação Infantil

Compartilhamento de um vídeo

- ◆ Selecionar previamente algumas propostas da rotina em conjunto com os outros professores do segmento.
- ◆ Informar às crianças que algumas atividades da rotina serão filmadas para serem exibidas aos pais na reunião ao final do período letivo (bimestre/semestre).
- ◆ Após reunião com o coordenador pedagógico (CP), planejar com os outros professores maneiras de exemplificar para os alunos o sentido que alguns conteúdos escolares podem assumir na vida. Propor, por exemplo, que seja filmada uma atividade de leitura pelo professor ou em que as crianças ditem para o professor escrever.
- ◆ Lembrá-las de que deverão participar normalmente das propostas.
- ◆ Após as sessões de filmagem, selecionar, com a ajuda do CP e dos outros professores, as cenas que mais representam a Atitude “Colocar a Educação escolar no dia a dia”.
- ◆ Planejar a reunião de pais com os demais professores do segmento e com o CP, levando em conta o uso do vídeo. Considerar a possibilidade de colocar questões para reflexão dos pais depois da exibição. Por exemplo, a importância de que alguns conteúdos escolares sejam compartilhados com as crianças e assumam dentro da escola o sentido que têm fora dela.
- ◆ Marcar o dia da reunião e comunicar aos pais, enviando-lhes um bilhete (que pode ser escrito com a participação das crianças).
- ◆ Realizar a reunião com o apoio do CP e, ao final, conduzir uma autoavaliação discutindo em que medida os objetivos planejados (ligados à Atitude em questão) foram atingidos.

Anos Iniciais do Ensino Fundamental

Apresentação de produções dos alunos

- ◆ Selecionar previamente quais atividades e produções dos alunos serão apresentadas aos pais na reunião que farão, em conjunto com os outros professores do segmento.
- ◆ Após reunião com o CP, planejar com os outros professores maneiras de exemplificar para os alunos o sentido que alguns conteúdos escolares podem assumir na vida. Propor, por exemplo, a exibição de uma produção em que as crianças tenham escrito textos publicados em um mural da escola ou de fotos e registros escritos, com transcrição das conversas entre os alunos, de uma atividade em que tenham trabalhado em pequenos grupos na construção de um robô, usando conhecimentos de cálculo, matemática e física.
- ◆ Informar às crianças que algumas atividades da rotina serão apresentadas aos pais na reunião ao final do período letivo (bimestre/semestre).
- ◆ Após a realização das propostas, selecionar, com a ajuda do CP e dos outros professores, as atividades que mais representam a Atitude “Colocar a Educação escolar no dia a dia”. Além disso, preparar a forma como as produções serão mostradas aos pais (se serão escaneadas e exibidas em projeção; se os cadernos serão utilizados com alguns roteiros para os pais observarem; se será montado um mural com fotos e registros escritos).
- ◆ Planejar a reunião de pais com os demais professores do segmento e com o CP. Considerar a possibilidade de colocar questões para que os pais participem e observem as atividades e reflitam, por exemplo, sobre a importância de que alguns conteúdos escolares sejam compartilhados com os alunos e assumam dentro da escola o sentido que têm fora dela.
- ◆ Marcar o dia da reunião e comunicar aos pais, enviando-lhes um bilhete (que pode ser escrito com a participação dos alunos).
- ◆ Realizar a reunião com o apoio do CP e, ao final, conduzir uma autoavaliação discutindo em que medida os objetivos planejados (ligados à Atitude em questão) foram atingidos.

Anos Finais do Ensino Fundamental

Reunião com a participação dos alunos em parte dela

- ◆ Planejar, com o CP e os colegas das demais áreas de conhecimento, como será a participação dos alunos na reunião de pais. Selecionar experiências e áreas sobre as quais eles falarão, quais trabalhos e quais aprendizagens poderão apresentar aos pais.
- ◆ Considerar para essa tomada de decisões o que foi discutido nas reuniões com o CP sobre maneiras de exemplificar para os alunos o sentido que alguns conteúdos escolares podem assumir na vida.
- ◆ Informar aos alunos que eles terão uma participação importante na reunião de pais (ao final do bimestre/semestre) para comunicar algumas de suas aprendizagens. Apresentar as possibilidades decididas previamente com os demais professores e combinar que deverão, em pequenos grupos, planejar o que apresentarão, o que e como falarão, quais materiais usarão e quais produzirão especificamente para essa reunião.
- ◆ Lembrá-los de que poderão escolher diferentes áreas do conhecimento e que as reuniões serão unificadas.
- ◆ Durante o planejamento e a preparação dessas apresentações, lembrá-los de que devem considerar o público-alvo (os pais) para comunicar as principais aprendizagens ao longo desse tempo.
- ◆ Planejar a reunião de pais com os demais professores do segmento e com o CP, levando em conta o tempo e as propostas a serem feitas pelos alunos. Considerar a possibilidade de colocar questões para que os pais participem, observem as atividades e reflitam, por exemplo, sobre a importância de que alguns conteúdos escolares sejam compartilhados com os alunos e assumam dentro da escola o sentido que têm fora dela.
- ◆ Marcar o dia da reunião e comunicar aos pais, enviando-lhes um bilhete (que pode ser escrito com a participação dos alunos).
- ◆ Realizar a reunião com a participação dos alunos no tempo destinado a isso e com o apoio do CP. Ao final, conduzir uma autoavaliação discutindo em que medida os objetivos planejados (ligados à Atitude em questão) foram atingidos.

Ensino Médio

Reunião de pais com a condução dos jovens

- ◆ Planejar, com o CP e os colegas das demais áreas de conhecimento, a proposta de reunião de pais conduzida pelos jovens.
- ◆ Considerar para essa tomada de decisões o que foi discutido nas reuniões com o CP sobre maneiras de exemplificar para os alunos o sentido que alguns conteúdos escolares podem assumir na vida.
- ◆ Informar aos alunos que eles terão uma participação fundamental na reunião de pais (ao final do bimestre/semestre), pois vão conduzi-la. Terão todo o apoio dos professores e do coordenador para o planejamento, mas serão os responsáveis por comunicar tudo o que aprenderam aos pais e responsáveis.
- ◆ Compartilhar com eles a Atitude que dá base a todo esse processo e discutir quais propostas, atividades e conteúdos assumiram dentro da escola o sentido que têm fora dela. São essas conclusões que deverão relatar aos pais durante a reunião.
- ◆ Apresentar algumas possibilidades de atividades, conteúdos e organização previstas com o CP. Combinar com os alunos que caberá a eles, em pequenos grupos, planejar o que apresentarão, o que e como falarão, quais materiais usarão e quais produzirão especificamente para essa reunião.
- ◆ Lembrá-los de que poderão escolher diferentes áreas do conhecimento e que as reuniões serão unificadas.
- ◆ Durante o planejamento e a preparação dessas apresentações, alertá-los de que devem considerar o público-alvo (os pais) para comunicar as principais aprendizagens ao longo desse tempo.
- ◆ Marcar o dia da reunião com os alunos e combinar como farão a comunicação aos pais.
- ◆ Propor que os alunos realizem a reunião e depois compartilhem o objetivo dessa proposta com os pais – com base na Atitude em questão.
- ◆ Ao final, realizar uma autoavaliação entre os alunos, discutindo em que medida os objetivos planejados (ligados à Atitude em questão) foram atingidos.

O que o coordenador pedagógico pode fazer

- ◆ Planejar as reuniões com os professores dos diferentes segmentos, oferecendo-lhes apoio e condições para realizá-las de acordo com as propostas destinadas a cada um.
- ◆ Acompanhar as atividades que serão compartilhadas com os pais e familiares: filmar, ajudar a planejar e acompanhar a realização de cada uma das propostas.
- ◆ Promover reuniões com os professores de cada segmento para que os planejamentos sejam feitos coletivamente e de modo compartilhado.
- ◆ Apoiar a tomada de decisões quanto à participação dos alunos, bem como compartilhar com o gestor escolar algumas decisões práticas para que as reuniões aconteçam.
- ◆ Acompanhar a realização de todas as reuniões (tomar parte em algumas delas, conforme combinado com os professores e alunos).
- ◆ Sugerir aos professores e alunos uma autoavaliação sobre os objetivos e a Atitude que deu base a essas propostas.

O que o diretor pode fazer

- ◆ Criar condições favoráveis para que as reuniões de pais aconteçam.
- ◆ Gerir pessoas, materiais e tempo para realizar reuniões em todos os segmentos.
- ◆ Apoiar a atuação do CP com os professores, garantindo uma rotina escolar que contemple as reuniões necessárias aos planejamentos conjuntos.
- ◆ Assegurar, com os alunos, que as reuniões de pais tenham sua participação.
- ◆ Participar ativamente do planejamento das reuniões.
- ◆ Participar de cada uma das reuniões dos diferentes segmentos.
- ◆ Atuar como líder da escola nas reuniões, fazendo sua fala institucional.
- ◆ Apoiar a realização das autoavaliações para considerar o que foi bom e o que pode ser melhorado para as próximas reuniões de pais.

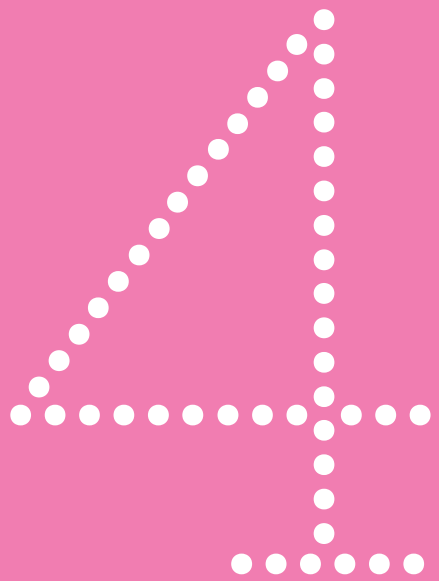
O que esperar que os pais passem a fazer

- ◆ Valorizar a Educação escolar e ajudar os filhos a relacionar o que aprendem em sala de aula com o dia a dia.
 - ◆ Incentivar, por meio de conversas e da participação nas reuniões de pais e nos eventos da escola, uma relação entre aquilo que os alunos aprendem na escola e a forma como podem aplicar e utilizar esse conhecimento no dia a dia.
 - ◆ Compreender melhor o trabalho integrado entre professores, alunos, trio gestor e comunidade escolar.
 - ◆ Dar importância aos conhecimentos construídos pelos filhos na escola.
 - ◆ Passar a valorizar o trabalho profissional de professores, trio gestor e demais funcionários da escola.
-

Como sugerido nos capítulos anteriores, é fundamental que o trabalho com professores, pais e alunos seja documentado e incluído no Projeto Político-Pedagógico (PPP) da escola. Além disso, os relatos podem ser compartilhados com outras comunidades no portal **www.5atitudes.org.br**.

Vale ressaltar que não só as boas práticas devem ser socializadas, mas também dúvidas, dificuldades e comentários, o que auxiliará no aprimoramento do trabalho de todos. ◆

**Apoiar o
projeto de vida e
o protagonismo
dos alunos**





Meu pai, um homem que torcia por mim

WALCYR CARRASCO

Sempre que vejo um canário, lembro do meu pai. Cresci cercado por gaiolas, repletas de espécimes coloridos. Ajudava a dar alpiste, a encher os bebedouros de água. Acompanhava as fêmeas chocando os ovos, pequenos e pintados. Era fantástico ver os filhotinhos piando. Minha mãe preparava uma papa de ração, que meu pai dava com uma colherinha. Às vezes eram tantos os cuidados que eu sentia ciúme. E se meu pai gostasse mais dos canários que de mim?

Meu pai não era dado a expansões carinhosas. Talvez porque fosse criado em um meio em que homem não expressava sentimentos. Talvez porque nunca recebeu muito carinho do próprio pai. Saiu de casa aos 13 anos e foi morar com um irmão. Teve um problema nos olhos e quase ficou cego, ainda adolescente. Mais tarde, quando quis retornar aos estudos, já estava casado e com filhos. Tentou, mas não pôde seguir adiante. Meu pai era ferroviário. Telegrafista. Profissão simples, mal remunerada, mas ele conseguiu batalhar por um projeto de vida para

os filhos. Sua maior crença era nos fazer estudar. A duras penas, mas conseguiu.

Aos 13 anos, quando já anunciava aos quatro ventos meu desejo de ser escritor, ele não cansava de repetir:

- Se quer ser escritor, tem que estudar muito. Não pode faltar às aulas e tem que ler os livros que a professora indicar.

Um dia - não era Natal nem aniversário - ele veio com uma máquina de escrever comprada em prestações a perder de vista. Minha primeira máquina. Modelo simples, portátil. Coloquei a primeira folha de sulfite e experimentei a primeira tecla. Nunca vou esquecer a sensação, o cheiro de tinta e a letra surgindo no papel. Nunca vou esquecer o sorriso do meu pai, em pé, ao meu lado. Assim que terminei o colégio, decidi que daria um tempo antes de entrar na faculdade. Com uma mochila nas costas, resolvi partir pelo mundo. Não ouvi uma palavra de recriminação da boca do meu pai. Só palavras de apoio e um abraço que deixava claro que ele estava, como sempre, torcendo por mim. Saí de casa para o começo de uma longa jornada.

Meu pai ficou doente por quase 20 anos. Algum tempo antes da grande partida, teve a percepção de que não duraria muito. Foi ao cartório e fez o documento pedindo para ser cremado. E outro para doar seus órgãos. Entretanto, quando aconteceu, pareceu tão de repente, tão despropositado! Fica sempre a sensação de que poderia ter ficado conosco por mais tempo, de que faltou falar sobre tantas coisas!

Quando fomos examinar seus papéis, encontramos uma carta endereçada a todos nós. Escrita para ser aberta depois da sua partida. Dizia como tinha sido bom ser nosso pai. De quanto orgulho ele sentia de cada um de nós. A palavra de carinho que, em vida, foi tão difícil pronunciar. Para cada um tinha uma mensagem especial. Lembra que a vida não termina aqui, neste mundo. Fosse para onde fosse, prometia continuar pensando e torcendo por nós. Até hoje, quando lembro dessa carta, sinto os olhos marejados de lágrimas.

Meu pai era um homem simples. Mas teve grandeza. A pobreza, na minha infância no interior, era mais digna

do que a de hoje em dia. Eu e meus dois irmãos frequentamos escolas públicas. Na época o colégio do Estado era prestigiado. Lutava-se para entrar, pela qualidade de ensino. Os professores eram pessoas respeitadas na cidade. Tratadas de maneira especial, pois, afinal, eram professores! Meu pai dispensava esse tratamento. Ele fazia questão de acompanhar o desempenho escolar de cada filho. Quando voltava do trabalho, mesmo cansado, ele cumpria a rotina de conversar sobre o nosso dia na escola. Olhava os cadernos. Verificava a tarefa de cada um. Todos os esforços da família eram orientados para nossa educação. Se a professora enviava um bilhete, ele respondia. Se a escola marcava uma reunião com os pais, ele estava lá. Ele respeitava a escola e respeitava ainda mais os professores. Fazia questão de ensinar a cada um de nós que a escola era uma continuação da família. Até a fuga dos canários causaria menos dor a meu pai do que ver um filho repetir o ano.

Tudo isso pode parecer estranho hoje em dia, quando se ouve falar de escolas depredadas e de alunos que ameaçam os mestres. Mas houve um tempo, e não há tantos anos assim, em que o ensino merecia tratamento especial. Acompanhar nosso período escolar foi uma das maneiras que meu pai encontrou para mostrar que estava do nosso lado. Que estava apoiando nossos sonhos. Para mim, esse é o significado maior de um pai. Acompanhar cada passo de um filho, ensinando a valorar aquilo que realmente é importante, é a melhor maneira de fortalecer os laços e provar o verdadeiro amor. ♦

Walcyr Carrasco nasceu em 1951 em Bernardino de Campos (SP). Escritor, cronista, dramaturgo e roteirista, formou-se na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. Por muitos anos, trabalhou como jornalista nos maiores veículos de comunicação de São Paulo, ao mesmo tempo que iniciava sua carreira de escritor na revista *Recreio*. A partir daí, escreveu diversas novelas e peças de teatro e publicou mais de 30 livros infantojuvenis, tendo recebido por suas obras muitos prêmios ao longo da carreira.

Orientação para formação continuada

 Tempo previsto: 8 horas

“Apoiar o projeto de vida e o protagonismo dos alunos” é a Atitude que dá base às orientações apresentadas neste capítulo. Com muita sensibilidade, Walcyr Carrasco traz à tona no texto “Meu pai, um homem que torcia por mim” a importância da valorização do conhecimento e do potencial de uma criança ou de um jovem. Carrasco faz uma valiosa reflexão acerca das crenças e dos valores que, ao se transformar em ações, podem ser decisivos na construção dos sonhos, aspirações e desejos de cada um.

A intenção é que os coordenadores pedagógicos (CPs) trabalhem essa temática nas reuniões de formação com a equipe de professores e, por meio de ações planejadas e pensadas por todos, ajustem alguns desses sonhos às reais necessidades de aprendizagem dos alunos. As orientações valem tanto para as crianças da Educação Infantil como para as do Ensino Fundamental e os jovens do Ensino Médio.

É possível que as crianças da Educação Infantil sejam mais protagonistas dos próprios sonhos, delineando projetos de vida desde a infância. Já os maiores (do Ensino Fundamental e do Médio) podem assumir a palavra diante de colegas e ter ações propositivas no que diz respeito à participação efetiva na escola e em relação à escolha profissional.

O principal objetivo é que os professores tragam para o debate impressões sobre o texto do escritor, vinculando-as às atividades práticas a desenvolver com os alunos dos diversos segmentos. Tendo como ponto de partida a Atitude citada e com a participação da equipe gestora, é interessante que os resultados dessa formação ampliem as proposições do Projeto Político-Pedagógico (PPP) e o relacionamento da escola com os pais.

A primeira tarefa é pedir aos professores que leiam a crônica para que possam conversar sobre ela nas reuniões seguintes. A Atitude em questão está relacionada à postura da sociedade diante das ideias das crianças e dos jovens e visa destacar a importância de acreditar no que eles dizem e fazem, valorizando as produções e as contribuições

Atividade inicial

Leitura do texto “Meu pai, um homem que torcia por mim”, de Walcyr Carrasco.

deles. Para compartilhar essa intenção com os professores, sugere-se apresentar ao grupo, por escrito, a seguinte pergunta: “Que relação há entre a Atitude e o texto?” As respostas devem ser registradas sem nenhuma intervenção nesse primeiro momento. Elas serão retomadas ao longo das reuniões seguintes.

Provavelmente muitos professores indicarão a necessidade de envolver a família na Educação dos filhos, o valor de acreditar no potencial de cada um e a relação dessas duas condutas com um futuro de sucesso. Ou comentarão exemplos pessoais e familiares de situações semelhantes. Nesse momento, os professores podem socializar as respostas e, juntos, começar a discutir o papel que a escola desempenha perante os alunos. Essa conversa inicial será vital para refletir como a escola e os profissionais da Educação contribuem para que as crianças e os jovens assumam um protagonismo e tenham sonhos e projetos de vida que os incentivem a aprender cada vez mais.

Na sequência, é possível analisar alguns depoimentos de educadores e um trecho do texto de Walcyr Carrasco para dar início a uma reflexão sobre dois aspectos inter-relacionados:

- ◆ o papel dos educadores na garantia dessa Atitude no contexto escolar;
- ◆ como a equipe escolar pode ajudar para que as famílias compreendam a Atitude e colaborem para que ela seja amplamente incorporada pelas crianças e pelos jovens.

Atividade

Levantar os conhecimentos dos professores e engajar o grupo na discussão por meio da abertura de um espaço para que todos opinem.

Estratégia

Pergunta provocadora em um cartaz ou no quadro e registro das respostas sem fazer intervenções.

Atividade

Distribuir os depoimentos escritos juntamente com as questões para reflexão – sobre o papel dos educadores e como ajudar as famílias –, para que os professores possam responder a elas e socializar as ideias. Dessa forma, espera-se que eles partam da discussão geral para as relações com a realidade em que atuam.

Estratégia

Professores organizados em grupos de três ou quatro.

Leitura compartilhada: trecho da crônica e depoimentos

Trecho do texto de Walcyr Carrasco:

“Ele fazia questão de acompanhar o desempenho escolar de cada filho. Quando voltava do trabalho, mesmo cansado, ele cumpria a rotina de conversar sobre o nosso dia na escola. Olhava os cadernos. Verificava a tarefa de cada um. Todos os esforços da família eram orientados para nossa Educação. Se a professora enviava um bilhete, ele respondia. Se a escola marcava uma reunião com os pais, ele estava lá. Ele respeitava a escola e respeitava ainda mais os professores. Fazia questão de ensinar a cada um de nós que a escola era uma continuação da família.”

Depoimentos coletados pelo Todos Pela Educação durante pesquisa realizada em 2013 para definição das 5 Atitudes:

“Muitos pais vêm aqui e falam: ‘Professora, dá um jeito que eu não sei mais o que fazer’.”
Professora

“O melhor para envolver o pai é mostrar que você conhece o filho, a trajetória, as potencialidades. Ele tem que sentir: ‘Eles acreditam no meu filho’. Assim o pai começa a ver que tem um caminho. Que o filho e que a família não estão perdidos.”
Coordenadora pedagógica

“Os pais querem dar ao filho tudo que eles não tiveram. Muitas vezes não acompanham os estudos, pois não sabem ler nem escrever, mas aí eu falo pra eles olharem as tarefas do caderno pela data, explicando que a gente coloca data no caderno e que, se eles cuidarem do caderno do filho, isso será importante. O pai começa a acompanhar e vai mudando o desempenho do aluno.”

Diretora

Atividade

Elaborar lista de ações sugeridas pelos educadores no contexto escolar e lista de ações a realizar com os familiares.

Para socializar as reflexões dos diferentes grupos, podem ser organizadas duas listas, uma relacionada ao papel dos educadores e outra contendo propostas de atuação com as famílias. Essa estratégia de apresentação vai auxiliar os professores a aprofundar o tema ao reconhecer aquilo que já fazem e identificam como importante em relação à Atitude. Também permitirá chegar a aspectos com os quais todos concordam.

Partindo das ações gerais indicadas – e das sugeridas a seguir –, a ideia é que os professores escolham duas delas

para incorporar ao trabalho pedagógico, considerando a relevância para as crianças e os jovens com quem interagem e a viabilidade em curto prazo.

As ações devem ser norteadas pelo princípio de que a escola é um ambiente onde se ensinam não apenas conteúdos, mas também atitudes. Além disso, é preciso acreditar que todos os alunos têm a capacidade de aprender, sentir, refletir, analisar e emitir opiniões, alimentar sonhos e desejos, contribuir, agir, criar e transformar positivamente o meio em que vivem, conforme a faixa etária.

Ações gerais

- ◆ Garantir que cada aluno seja chamado e identificado pelo nome próprio.
- ◆ Assegurar o protagonismo da criança e do jovem, promovendo eventos em que os alunos participem ativamente do planejamento e da realização de atividades, tais como: apresentações entre classes, seminários, debates com temas da atualidade, feiras de artes e ciências, assembleias, reuniões, projetos institucionais e fundação de grêmios estudantis, entre outros.
- ◆ Oferecer oportunidades para que crianças e jovens possam conhecer ambientes de trabalho pessoalmente, realizar entrevistas com profissionais de áreas diferentes (inclusive da própria escola), ampliando o horizonte nas possibilidades de escolhas de carreira acertadas.
- ◆ Incentivar o voluntariado, promovendo ações que propiciem o contato dos alunos com instituições assistenciais ou culturais da cidade.

Para que as ações selecionadas realmente saiam do papel e cheguem às crianças e aos jovens, é preciso antecipar as condições necessárias, identificar as pessoas que precisam ser envolvidas e as responsabilidades de cada um. Para isso, a sugestão é levantar dados que serão preenchidos em um planejamento conjunto.

Estratégia

Atividade coletiva, apresentando a lista proposta ao lado da lista produzida. Dessa forma, os professores poderão estabelecer relações e escolher as ações segundo os critérios indicados, chegando a um consenso para ser colocado em prática.

Atividade

Selecionar duas ações prioritárias.

Estratégia

Apesar de indicadas duas ações prioritárias, os professores poderão organizar a lista por ordem de importância e, em outros momentos de reunião, discutir o encaminhamento das ações que ficaram em segundo plano.

Atividade

Ainda em grupos, discutir condições e responsabilidades para que as ações selecionadas sejam efetivadas. Em seguida, preencher um único formulário com a contribuição de todos.

Sugestão de formulário:

Ação: organização e divulgação do acervo de livros literários da escola							
Condições necessárias				Responsabilidades			
Materiais	Tempo	Profissionais	Outras	Professores	Coord. pedagógicos	Diretores	Outros funcionários da escola

Atividade

Refletir sobre um texto inspirador e atualizar o PPP da escola. A intenção é incentivar que os professores comentem as opiniões e percebam que, ao discutir as ações que gostariam de realizar sobre o tema, estão tratando do PPP.

Estratégia

Envolver o diretor da escola na discussão, para que ele esteja alinhado às propostas de atualização do PPP.

Ao definir as ações gerais consideradas relevantes, o grupo estará, em outras palavras, refletindo sobre o PPP, discutindo a parte dele em que se indica o que a comunidade escolar valoriza e realiza em consonância com a concepção de formação das crianças e dos jovens da escola.

Nesse sentido, o PPP traduzirá a preocupação, em última instância, com a garantia da aprendizagem de qualidade e o respeito a cada um e a todos os alunos da instituição.

Para avançar nas reflexões sobre o protagonismo das crianças e dos jovens na construção dos próprios projetos de vida, propõe-se a leitura de um texto inspirador, que servirá de base para analisar o papel da escola:

Leitura compartilhada: a escola e o sentido da vida

“A escola é um lugar de recuperação de sonhos:

Não podemos dizer às crianças que precisam ir à escola porque assim vão ganhar a vida. Dizer a um ser humano que tem que estudar porque só assim terá um trabalho é contraditório com dar-lhe um sentido para a vida. Porque o que estamos dizendo é que sua vida só vale para ser preservada em si mesma e não para produzir algo diferente. Se a um ser humano dizemos que a única coisa que importa de tudo que está fazendo agora é preparar-se para seguir vivendo, estamos falando a um escravo e não a um ser humano. Os seres humanos têm que sentir que o que fazem tem algum sentido que excede a autopreservação. Não se pode dizer a um ser humano que o sentido da vida está em ganhar sua subsistência, porque isso não é o sentido de nenhuma vida. Temos que parar com essa ideia que colocamos às crianças de que o único sentido de preservar sua vida é para que trabalhem e sobrevivam: o sentido de preservar sua vida é produzir um país diferente onde possam recuperar os sonhos. E a escola é um lugar de recuperação dos sonhos, não somente de autopreservação.”

Adaptado de BLEICHMAR, Silvia. Subjetividad en riesgo: herramientas para su rescate. Violencia social – violencia escolar: de la puesta de límites a la construcción de legalidades. Buenos Aires: Noveduc, 2012, p. 132.

Após a leitura, provavelmente muitos professores comentarão aspectos que chamam a atenção e a forma direta e clara, até mesmo poética, com que a autora aborda o tema. É interessante incentivá-los a opinar e a relacionar o texto com a discussão feita até o momento sobre o papel da escola, dos educadores e da família na garantia de qualidade de vida das crianças e dos jovens e do protagonismo de cada um na definição do projeto de vida.

Aqui, mais uma vez, cabe destacar o fato de que, dependendo das ações planejadas e realizadas, os sonhos, o protagonismo e a participação efetiva de crianças e jovens podem ser mais ou menos assegurados. Para isso, propõe-se pedir que falem sobre as impressões a respeito do texto de Silvia Bleichmar e voltem às respostas dadas à pergunta inicial sobre a crônica de Walcyr Carrasco, relacionando-as às ações a incorporar ao trabalho pedagógico.

Para formalizar a inclusão das ações planejadas no PPP da escola, é interessante produzir um texto coletivo

Atividade

Textos produzidos em grupos, por segmento, depois compilados em um único documento pelo CP e pelo diretor da escola e compartilhados com todos.

Estratégia

Produzir texto coletivo contendo justificativa e ações a incorporar ao PPP.

Atividade

Planejar atividades de sala de aula que concretizem as intenções das ações mais gerais discutidas anteriormente.

de justificativa. A proposta é que a escrita seja feita em grupos, por segmento (Educação Infantil, Anos Iniciais e Anos Finais do Fundamental, Ensino Médio). Para que não se torne um mero documento burocrático e represente o que será de fato desenvolvido na escola, é preciso que os professores considerem os alunos reais, com quem atuam diariamente, definindo o que podem aprender nas circunstâncias planejadas, qual a possível contribuição efetiva dos estudantes para essa organização escolar e os reflexos na vida pessoal de cada um, individualmente e na comunidade.

Planejamento

Dando continuidade ao trabalho em grupos (divididos por segmento), a sugestão é produzir cartazes ou projetar as ideias no quadro. Os professores devem fazer a leitura compartilhada, grifando e destacando as atividades que já realizam ou as que lhes parecem novidades. Os grupos podem analisar cada uma delas, fazer adaptações à realidade das turmas e organizar como e quando executá-las. Também é interessante pensar em todos os aspectos ligados ao planejamento habitual dos professores, considerando a garantia das condições, os materiais necessários, a organização do espaço, o agrupamento dos alunos, o preparo anterior do professor etc.

Em seguida, cada grupo deve compartilhar o planejamento com os colegas dos outros segmentos e com a equipe gestora, com o intuito de aprimorar cada vez mais a prática pedagógica em consonância com os propósitos ligados à Atitude de que estamos tratando.

A escola como espaço para “recuperação de sonhos” e construção do projeto de vida dos alunos

Educação Infantil

A escola e a rotina dos sonhos

- ◆ Propor às crianças que conversem em duplas sobre o momento do dia e da rotina escolar de que mais gostam. Socializar as preferências, estimulando-as a argumentar e a expor ideias.
 - ◆ Propor a divulgação na escola dos momentos preferidos das crianças, identificando cada uma e valorizando as preferências individuais.
 - ◆ Propor que façam desenhos para montar um mural a ser exibido às crianças das outras classes e aos pais. Os desenhos deverão ser feitos em uma folha de sulfite dividida ao meio. De um lado, desenharão aquilo de que mais gostam na rotina escolar (Meu momento preferido na escola); do outro, o que gostariam que houvesse na escola (A escola dos meus sonhos).
 - ◆ Ajudar as crianças a planejar o que desenharão e elogiar, valorizando suas produções.
 - ◆ Montar o mural com a participação das crianças na escolha do espaço, da disposição e da forma de divulgação.
 - ◆ Escrever com as crianças um convite para pais e outros colegas apreciarem os desenhos.
 - ◆ Deixar um espaço para que os visitantes possam opinar sobre a exposição. Ao final, ler os comentários com as crianças e salientar o valor da atividade realizada.
 - ◆ Levantar com elas sugestões para a próxima exposição.
-

Anos Iniciais do Ensino Fundamental

Apresentação de seminários pelos alunos

- ◆ Propor aos alunos a ideia de expor um tema que já conhecem, compartilhando conhecimentos com outras pessoas.
- ◆ Perguntar de quais etapas do trabalho acreditam que devam participar. Ajudá-los a concluir que estarão presentes em todo o processo: desde o planejamento do que e como

será exposto até a preparação de materiais de apoio, como cartazes, convites, recursos audiovisuais, entre outros.

- ◆ Definir o público-alvo dos seminários (colegas de outras salas, pais, funcionários da escola, dependendo do conteúdo a ser exposto).
- ◆ Propor agrupamento em duplas, que definirão os temas, dentre aqueles que já estudaram.
- ◆ Sugerir que escrevam no caderno as etapas que deverão cumprir até o dia do seminário (uma única lista para a dupla).
- ◆ Propor ensaios dos seminários e fazer rodadas de sugestões para melhoria das apresentações, acatando sugestões dos colegas.
- ◆ Produzir com os alunos convites para o público-alvo.
- ◆ Propor uma autoavaliação sobre a forma como assumiram a palavra e se responsabilizaram por comunicar as aprendizagens. Avaliar os aspectos positivos e aqueles que ainda podem melhorar.

Anos Finais do Ensino Fundamental

Organização de uma apresentação

- ◆ Propor aos alunos uma apresentação temática, musical ou teatral.
- ◆ Explorar as preferências e os conhecimentos individuais dos alunos para propor a inclusão de um repertório que possa até então ser desconhecido dos demais.
- ◆ Planejar maneiras de aprofundar o tema, envolvendo professores de diferentes áreas do conhecimento.
- ◆ Propor que os alunos pesquisem diferentes pontos de vista sobre o tema/atrações musicais/diferentes linguagens teatrais que poderão apresentar.
- ◆ Após as leituras, discutir e propor que registrem em um esquema ou em tópicos os principais aspectos que avaliam ser interessantes para compartilhar.
- ◆ Discutir as formas de exposição das informações no evento, como cartaz, apresentação oral, vídeo etc.

- ◆ Organizar com o grupo a programação, a lista de convidados, a agenda.
- ◆ Propor uma autoavaliação sobre a forma como assumiram a palavra e se responsabilizaram por apresentar os conhecimentos e as preferências. Avaliar os aspectos positivos e aqueles que ainda podem melhorar.

Ensino Médio

Conhecimento de ambientes de trabalho e profissões

- ◆ Realizar uma roda de conversa com os alunos a respeito dos projetos de vida e das profissões que gostariam de ter.
- ◆ Buscar em jornais, revistas ou na internet reportagens ou entrevistas sobre profissões.
- ◆ Planejar intervenções de maneira que os alunos atribuam sentido à leitura. Pedir que discutam sobre as profissões ou sobre temas relacionados, questionar o que entenderam, pedir que contem aos colegas (que leram textos diferentes) de que tratava o material lido por eles e sugerir que conversem sobre o que sabem a respeito das profissões abordadas.
- ◆ Propor que registrem em um esquema ou em tópicos os principais pontos positivos e negativos daquela escolha profissional.
- ◆ Propor que escrevam coletivamente uma carta a outros professores, ao diretor, ao CP, aos pais de alunos ou a pessoas da comunidade solicitando que indiquem profissionais de diferentes áreas para serem visitados e entrevistados no ambiente de trabalho.
- ◆ Organizar, com a ajuda do coordenador, do gestor ou dos próprios alunos, o agendamento e a visita ao profissional escolhido.
- ◆ Preparar a visita e a entrevista com o profissional, pedindo aos alunos que façam um roteiro de perguntas.
- ◆ Realizar a visita ao ambiente de trabalho e a entrevista.
- ◆ Propor uma autoavaliação sobre a forma como buscaram informações, os aspectos positivos e aqueles que ainda podem melhorar. Registrar as principais descobertas sobre as profissões pesquisadas e como essas informações auxiliaram a (re) fazer escolhas e a pensar projetos de vida.

Até aqui, as orientações deste capítulo trataram de ações a desenvolver na escola com os alunos e envolvendo a comunidade escolar. Para que elas sejam colocadas em prática, é importante manter uma rotina de acompanhamento dos professores, de observação participativa das aulas e de compartilhamento de dúvidas, replanejamentos e avaliações. Dessa maneira, garante-se o envolvimento dos professores e, por consequência, também dos alunos.

É importante que os resultados sejam compartilhados com todos. Isso pode ser feito, por exemplo, expondo nos murais da escola fotos dos eventos, acompanhadas de opiniões dos participantes, ou realizando uma assembleia entre os estudantes de todos os segmentos para tratar do que deu certo e do que ainda poderá melhorar nas próximas atividades coletivas.

Essas informações podem ser utilizadas para consolidar e avaliar os pressupostos que geraram as ações, permitindo analisar quanto a Atitude relacionada ao apoio ao projeto de vida dos alunos e ao incentivo para que assumam um protagonismo foi realmente alcançada. Para isso, a sugestão é que os próprios alunos sejam levados a opinar, em uma grande assembleia, se sentiram-se protagonistas e participantes ativos das atividades desenvolvidas.

Tendo em mãos esse material, algumas outras ações podem ser conduzidas com os professores:

Atividade

Rever o PPP. A proposta é que o grupo compreenda que a produção do PPP da escola é algo dinâmico e processual, sendo necessária uma produção contínua.

- ◆ retomar o PPP da escola e complementá-lo com os resultados alcançados;
- ◆ propor discussão para rever algum aspecto do documento inicial, para que de fato reflita o que o grupo pensa e faz;
- ◆ incluir no documento as atividades com os alunos como exemplos de propostas desenvolvidas por essa escola;
- ◆ voltar às respostas dadas anteriormente, relacionando o texto de Walcyr Carrasco com a Atitude, retomando com os professores o percurso (nas reuniões e com os

alunos) e propor que, em pequenos grupos, produzam uma frase que concretize o processo vivido. Combinar que as frases serão expostas em um mural para toda a comunidade escolar.

Como se sabe, a atuação com as famílias é fundamental, pois a formação da criança ou do jovem é feita em parceria por diversos atores. Por isso, é importante planejar atividades pedagógicas que promovam o compartilhamento de algumas ações com os familiares. No contexto da discussão dessa Atitude, os professores podem propor aos alunos a elaboração de materiais para serem levados para casa. É igualmente essencial que todo o trabalho com os pais seja documentado e incluído no PPP da escola.

Elaboração de enquete com a comunidade escolar sobre a “valorização dos professores, da aprendizagem e do conhecimento”

Encaminhamentos dos professores junto aos alunos

- ◆ Explicar a importância de conversar com os pais sobre os estudos e os planos que têm para a vida.
- ◆ Propor que perguntem aos pais sobre a rotina escolar na época deles, quais as dificuldades, as alegrias e as diferenças em relação a hoje. Para isso, elaborar conjuntamente com os alunos algumas questões para pautar a conversa em família.
- ◆ Selecionar textos e/ou imagens que revelem os costumes escolares no passado, para apoiar a entrevista com os pais.
- ◆ Propor a produção de folhetos sobre temas que considerem relacionados e que poderiam ajudar a estimular uma conversa em casa.
- ◆ Registrar os temas sugeridos, bem como as ideias para produzir os folhetos, considerando os interlocutores.
- ◆ Selecionar e distribuir diferentes folhetos sobre outros assuntos e propor que, em pequenos grupos, os analisem e entendam esse gênero textual. Produzir com eles uma

lista das características necessárias a um folheto para que comunique a ideia principal. Solicitar aos grupos que comecem a planejar o que pretendem colocar nos folhetos.

- ◆ Reservar algumas aulas para que produzam os folhetos, auxiliando-os na escrita, na revisão e na diagramação de textos e imagens.
- ◆ Ajudá-los a pensar em como “puxar” conversas com os pais sobre: o cotidiano; os projetos de vida; o que pretendem para o futuro profissional; como se imaginam daqui a alguns anos; histórias de família que mostram projetos de vida dos avós e de outros parentes.
- ◆ Ao final da produção, combinar com os alunos como será feita a entrega dos folhetos aos pais, em reunião planejada com o gestor da escola.

O que o coordenador pedagógico pode fazer

- ◆ Apoiar os professores no planejamento de atividades de criação dos folhetos. Ajudá-los a selecionar folhetos diferentes para serem levados aos alunos.
- ◆ Passar nas salas com o gestor escolar, para conversar sobre a ação institucional que estão desenvolvendo com a ajuda de todos.

O que o diretor pode fazer

- ◆ Compartilhar a ação institucional com a equipe escolar: “a importância da conversa entre pais e filhos e a relação com os projetos de vida dos alunos”.
- ◆ Passar nas salas com o CP para conversar sobre a ação institucional que estão desenvolvendo com a ajuda de todos.
- ◆ Combinar com os alunos como farão a entrega do material produzido aos pais e ouvir as sugestões: se preferem levar para casa ou convidar os pais para uma “conversa sobre as conversas”.
- ◆ Mobilizar a equipe escolar para colocar em prática o que for acordado com os alunos, para que os folhetos cheguem aos pais e cumpram seus objetivos.

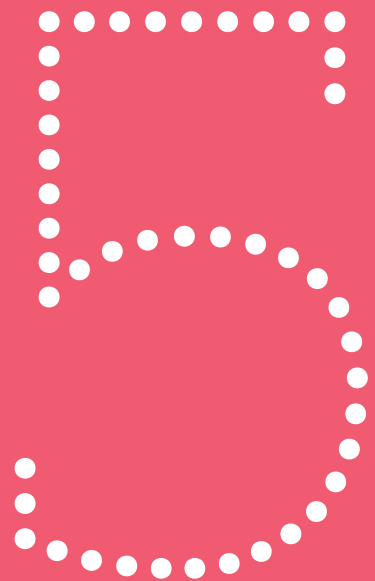
O que esperar que os pais passem a fazer

- ◆ Conversar sobre os estudos com os filhos.
 - ◆ Perguntar, por exemplo: "O que aprendeu?"; "O que mais gostou de aprender?"; "O que foi mais difícil aprender?"
 - ◆ Conversar sobre as escolhas na vida profissional e a relação disso com os estudos.
 - ◆ Perguntar sobre o projeto de vida dos filhos.
 - ◆ Contar a própria história como estudantes e quanto planejam um caminho parecido ou diferente para os filhos.
 - ◆ Contar histórias da família – de avós que se mudaram, migraram, viajaram para conquistar uma vida melhor –, pois tinham um projeto de vida em mente.
-

Os resultados alcançados, tanto nas atividades com os alunos como no trabalho com as famílias, ultrapassam os muros da escola se compartilhados com outros profissionais que estejam realizando essa formação em outros tantos lugares distintos do Brasil. O portal **www.5atitudes.org.br** tem um espaço reservado para o compartilhamento de experiências.

Vale ressaltar que não só as boas práticas devem ser socializadas, mas também dúvidas, dificuldades e comentários, o que auxiliará no aprimoramento do trabalho de todos. ◆

**Ampliar
o repertório
cultural e
esportivo das
crianças e
dos jovens**





Meninos, eu li!

P E D R O B A N D E I R A

Estou certo de que a música e a poesia passaram a habitar em mim desde os acalantos carinhosos de minha mãe. Ah, os anoiteceres numa cadeira de balanço, no colo quentinho, ouvindo o “Nana nenê”, “Boi da cara preta” ou a pouco conhecida canção de ninar na certa vinda das terras de Portugal: “Dorme, dorme, filhinho, meu anjinho inocente, dorme, meu queridinho, que a mamãe está contente” ...

Mas... e as histórias que ela contava? Que mundo maravilhoso de sonho e fantasia eu começava a conhecer! *Chapeuzinho Vermelho*, *Branca de Neve*, *Rapunzel*, *Os três porquinhos*, *A gata borralheira* e o tremendo *João e Maria*! Ah, o medinho confortável que eu sentia daqueles lobos ameaçadores e daquelas bruxas traiçoeiras! E como eu me divertia com as malandragens do meu esperto xará, o Pedro Malasartes!

É lógico, portanto, que, logo que pude compreender que tudo aquilo e muito mais estava escrito e que eu podia decifrar sozinho as histórias, essas maravilhas passaram a preencher todos os intervalos de minha vida. A fabulosa Alice do Lewis Carroll disse que livro sem figuras nem diálogos não tem graça, mas, para mim, além disso o que valia eram livros cheios de aventuras e fortes emoções.

No meio desse tipo de diversão, tive uma fase indígena, apaixonando-me por romances como *O guarani*, *Ubirajara* e *Iracema*. Mais do que os peles-vermelhas dos filmes de faroeste, que sempre acabavam massacrados pelos caubóis ou pela cavalaria norte-americana de fardas azuis, os índios descritos por José de Alencar permitiam-me imaginar a vida selvagem nas florestas do meu país, criar na

cabeça os cenários, as personagens e os lances ousados das façanhas daqueles heróis que se comportavam com a honra e a motivação de fidalgos europeus.

Eu vibrava às lágrimas com o poema “I-Juca Pirama”, de Gonçalves Dias, em que um bravo guerreiro Tupi capturado, prestes a ser morto pelos Timbiras, implora que poupem sua vida, pois tem seu velho pai cego para cuidar. E que emoção quando ele, trazido de volta pelo pai envergonhado de seu momento de covardia, sai lutando sozinho contra toda a tribo Timbira! No poema, o poeta mostra um velho índio narrando com admiração as façanhas do herói, que assim termina:

*E à noite nas tabas, se alguém duvidava
Do que ele contava,
Tornava prudente: “Meninos, eu vi!”*

Emocionado, eu tentava decorar o poema inteirinho e o declamava para mim mesmo, olhando-me no espelho e fazendo pose de guerreiro Tupi.

E *O guarani*, então? Que história a do índio Peri! Que valentia! Como deve ter sido eletrizante viver numa época como aquela, lutando contra onças e fidalgos italianos traidores como Loredano, um dos melhores vilões da literatura brasileira! Nem me passava pela cabeça que aqueles índios jamais existiram no Brasil nem em nenhum outro lugar, e que tivessem sido inventados por uma mente imaginativa como as velhas senhoras do passado inventavam Cinderelas e Rapunzéis...

Eu adormecia imaginando-me um índio como aquele Peri, atirando-me de uma árvore à outra, pelo ar, agarrado a cipós, feito o Tarzan do cinema. Na tela dos meus olhos fechados, eu me projetava na imagem de Peri, caçando à unha uma onça enorme, amarrando-lhe a bocarra e as patas e carregando-a nas costas, só para contentar minha amada Ceci, que havia manifestado o desejo de ver uma onça viva! E logo vinha a inundação final do rio Paraíba, quando eu, na pele de Peri, arrancava somente com a força de meus braços uma palmeira enorme para servir como canoa e assim salvar a vida de Ceci... Verdade que muitas vezes eu já tinha sido D’Artagnan, Batman e

Zorro, mas Peri era melhor ainda. Aquilo, sim, era índio, e o resto era conversa fiada! E que me importava se é impossível um homem sozinho capturar com as mãos uma onça viva? Ou que não há ninguém que possa arrancar uma palmeira com a força dos braços? Ora, se eu aceitava tranquilamente que fadas transformassem abóboras em carruagens e que príncipes escalassem torres agarrando-se a tranças de donzelas, por que não haveria de acreditar que nossos índios teriam sido capazes de enfiar destemidamente a mão num formigueiro e mantê-la ali dentro, sem um pio, resistindo às picadas, sem dar sinais de dor, para provar sua coragem às moçoilas da tribo?

A prova das formigas é a história do índio Ubirajara, que enfia a mão numa cabaça cheia de formigas saúvas e fica ali, sorrindo e cantando para sua amada, a linda indiazinha Araci... Essa ousadia emocionou-me tanto que certa vez descobri um montículo de terra fofa no quintal, morada e abrigo de miudinhas formigas lava-pés, e propus-me o desafio: meter a mão no formigueiro e aguentar firme, sem um pio, como fizera Ubirajara para provar que era macho. Mas olhei melhor, imaginei-me pulando pelo quintal e correndo depois para a torneira mais próxima, azucrinado pela dor e pelo ardor de centenas de picadas e... desisti! O resultado teria sido ficar dias com a mão inchada, vermelha, cuidada por minha mãe com cataplasmas de farinha de mandioca molhada. Decididamente para índio eu não servia...

Ao relembrar essa aventura, fiquei aqui pensando: “I-Juca Pirama” lembro-me bem de ter lido muito cedo, mas será que eu lia mesmo *O guarani*, *Ubirajara* e *Iracema* em tão tenra idade? Ou será que só tinha sido apresentado a esses romances pelas quadrinizações publicadas em *Edição Maravilhosa*, as inesquecíveis revistas da Editora Brasil-América, e só lido os romances anos depois?

Não sei. Literatura, gibis e cinema confundiam-se dentro de minha cabeça, construindo-me, moldando meu imaginário, lapidando minha sensibilidade, provocando minhas emoções. Do mesmo modo que atualmente os livros, os gibis, os filmes, a televisão, o videogame e o computador constroem, moldam, lapidam e provocam as almas dos que logo, logo se tornarão adultos.

Não importa por onde se começa, o que importa é ser capaz de dizer:

“Meninos, eu li!” ♦

* Esta crônica foi extraída do livro *O beijo negado – crônicas da infância do autor de “A droga da obediência”*. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2013, p. 88-95.

Pedro Bandeira nasceu em São Paulo, em 1942. Trabalhou em teatro profissional como ator, diretor e cenógrafo. Foi redator, editor e ator de comerciais de televisão. Em 1983, tornou-se exclusivamente escritor. Sua obra, direcionada a crianças e jovens, ganhou diversos prêmios, como Jabuti, APCA, Adolfo Aizen e Altamente Recomendável, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. Já vendeu mais de 20 milhões de exemplares de seus livros.

Orientação para formação continuada

 Tempo previsto: 8 horas

“Ampliar o repertório cultural e esportivo das crianças e dos jovens” é a Atitude que dá base às orientações deste capítulo. O tema, assim como o texto “Meninos, eu li!”, de Pedro Bandeira, oferece muitas possibilidades de abordagem. Por isso, foram feitas escolhas em relação aos conteúdos de formação propostos. Identificar e selecionar tais conteúdos é uma das principais funções de coordenadores pedagógicos (CPs) quando assumem a tarefa de formar professores. É preciso lançar mão de critérios acertados e, preferencialmente, ligados às necessidades de aprendizagem dos professores, que, por sua vez, também devem estar vinculadas às necessidades de aprendizagem dos alunos.

Como critério para essas escolhas, consideramos a proximidade da Atitude e do texto de Pedro Bandeira com a literatura como linguagem e arte, porém buscamos o equilíbrio com outras manifestações culturais, também fundamentais. Nesse sentido, ao longo das orientações, propõe-se um segundo momento de formação, em que a educação física entra como espaço para reflexões interdisciplinares. Há recomendações práticas para cada segmento e disciplina; nelas, optamos por trazer à tona aspectos que reunissem o maior número de profissionais em torno de uma Atitude tão importante, mas muitas vezes deixada de lado. Por isso, o trabalho focará os responsáveis pela educação física para, logo em seguida, envolver as demais disciplinas.

A fim de contribuir para o Projeto Político-Pedagógico (PPP) da escola, foram escolhidos como temas do trabalho interdisciplinar o movimento (para as crianças da Educação Infantil e dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental) e os cuidados com o corpo (para os jovens dos Anos Finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio). Dessa forma, todos serão contemplados em suas necessidades de aprendizagem e ampliação do universo cultural e esportivo.

A primeira tarefa para essa atividade é pedir aos professores que leiam o texto de Pedro Bandeira para que possam falar sobre ele nas próximas reuniões. É possível começar essa conversa por uma discussão acerca do acesso

Atividade inicial

Leitura do texto “Meninos, eu li!”, de Pedro Bandeira.

à literatura, além de tratar dos aspectos literários e dos sentidos dados pelos leitores ao texto. Pergunte aos professores que referências faz o autor aos primeiros contatos que ele teve com a literatura.

O que não pode faltar na discussão

- ◆ Considerar a possibilidade de os professores dizerem que há muitas passagens em que o autor fala a esse respeito. Mas a primeira referência à literatura, no caso à música e à poesia, ocorreu nos momentos iniciais da vida, quando o autor ouvia canções de ninar, no colo da mãe, como se vê logo no primeiro parágrafo: “Estou certo de que a música e a poesia passaram a habitar em mim desde os acalantos carinhosos de minha mãe. Ah, os anoiteceres numa cadeira de balanço, no colo quentinho, ouvindo o ‘Nana nenê’, ‘Boi da cara preta’...”

Proponha que cada professor tente se lembrar dos momentos da infância e da adolescência em que passou a ter contato com a ficção. Questione também se eles acham que, hoje em dia, continuam vivenciando experiências desse tipo ao ler livros de ficção ou poesia.

Para dar continuidade à discussão, a sugestão é relacionar trechos selecionados do texto “O direito à literatura”, de Antonio Candido (em CANDIDO, Antonio, *Vários Escritos*. Rio de Janeiro: Editora Ouro sobre Azul, 2011), com o de Pedro Bandeira. Há duas estratégias possíveis para a atividade.

1. Montar um quadro com lacunas (semelhante ao exposto a seguir) e projetá-lo apenas com os trechos selecionados do texto de Antonio Candido, pedindo aos professores que indiquem passagens de Bandeira que estejam relacionadas com eles.
2. Apresentar os trechos do texto de Antonio Candido impressos e pedir que os professores, em pequenos grupos, estabeleçam a relação com momentos do texto de Bandeira, compartilhando com todos ao final.

Citações do texto de Pedro Bandeira	Citações do texto de Antonio Candido	Possível discussão com os professores
<p>“Mas... e as histórias que ela contava? Que mundo maravilhoso de sonho e fantasia eu começava a conhecer! <i>Chapeuzinho Vermelho, Branca de Neve, Rapunzel, Os três porquinhos, A gata borralheira</i> e o tremendo <i>João e Maria!</i> Ah, o medinho confortável que eu sentia daqueles lobos ameaçadores e daquelas bruxas traiçoeiras! E como eu me divertia com as malandragens do meu esperto xará, o Pedro Malasartes!”</p>	<p>“Chamarei de literatura todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático, em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações” (p. 174).</p>	<p>A literatura está presente em todas as manifestações e criações humanas, segundo Antonio Candido. A literatura pode estar dividida entre níveis da sociedade, pois pode ser uma manifestação mais popular ou mais erudita. Basta que a fabulação e a ficção estejam presentes.</p>
<p>“Eu adormecia imaginando-me um índio como aquele Peri, atirando-me de uma árvore à outra, pelo ar, agarrado a cipós, feito o Tarzan do cinema. Na tela dos meus olhos fechados, eu me projetava na imagem de Peri, caçando à unha uma onça enorme, amarrando-lhe a bocarra e as patas e carregando-a nas costas, só para contentar minha amada Ceci, que havia manifestado o desejo de ver uma onça viva!”</p>	<p>“[...] a criação ficcional ou poética, que é a mola da literatura em todos os seus níveis e modalidades, está presente em cada um de nós, alfabeto ou erudito, como anedota, caso, história em quadrinhos, noticiário policial, canção popular, moda de viola, samba carnavalesco. Ela se manifesta desde o devaneio amoroso ou econômico no ônibus até a atenção fixada na novela de televisão ou na leitura seguida de um romance” (p. 174-5).</p>	<p>A literatura está, segundo Antonio Candido, no devaneio, na imaginação, nos sentimentos de todos nós. Mas, então, qual é o papel da escola ao dar acesso a textos literários de qualidade aos alunos? A escola pode e deve ser a porta de entrada para o universo mais amplo e complexo da literatura universal, dando acesso a textos literários de qualidade, apoiando os alunos nessa empreitada e planejando ações específicas para isso.</p>
<p>“Não sei. Literatura, gibis e cinema confundiam-se dentro de minha cabeça, construindo-me, moldando meu imaginário, lapidando minha sensibilidade, provocando minhas emoções. Do mesmo modo que atualmente os livros, os gibis, os filmes, a televisão, o videogame e o computador constroem, moldam, lapidam e provocam as almas dos que logo, logo se tornarão adultos.”</p>	<p>“Ora, se ninguém pode passar vinte e quatro horas sem mergulhar no universo da ficção e da poesia, a literatura concebida no sentido amplo a que me referi parece corresponder a uma necessidade universal que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito” (p. 175). “Portanto, a luta pelos direitos humanos abrange a luta por um estado de coisas em que todos possam ter acesso aos diferentes níveis da cultura. A distinção entre cultura popular e cultura erudita não deve servir para justificar e manter uma separação iníqua, como se do ponto de vista cultural a sociedade fosse dividida em esferas incomunicáveis, dando lugar a dois tipos incomunicáveis de fruidores. Uma sociedade justa pressupõe o respeito aos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável” (p. 191).</p>	<p>A literatura é fundamental para moldar e formar as emoções, o imaginário, a criatividade – habilidades essenciais para cada ser humano. Daí a necessidade de a literatura estar presente na escola durante toda a Educação Básica. Antonio Candido vai além e afirma que a literatura é uma necessidade universal, um direito humano à fabulação e à ficção – um direito inalienável que a escola não pode deixar de oferecer aos alunos.</p>

Nessa atividade, também é importante provocar a reflexão sobre a Atitude “Ampliar o repertório cultural e esportivo das crianças e dos jovens”. Considerando que estejam presentes professores de áreas diferentes do conhecimento, a proposta é que reflitam sobre a literatura como uma das necessidades (e um direito!) de desenvolvimento cultural de todas as crianças e todos os jovens.

Converse com os professores a respeito de possíveis passeios a centros culturais no próprio município, bem como a espaços destinados à divulgação do conhecimento sobre as ciências (muitas vezes associados às universidades). Identifique também a possibilidade de incluir nas aulas visitas a museus virtuais de todo o mundo. É interessante sondar quais museus virtuais o grupo conhece, quem já navegou por esse tipo de tecnologia, o que achou da visita virtual.

Para fechar essa parte da discussão, reflita com o grupo sobre como indicar essas opções aos alunos. Anote as sugestões. Elas serão retomadas adiante, quando os professores se reunirem por segmento para planejar ações e propostas.

A fim de trazer as discussões para o campo da educação física, proponha aos professores que assistam ao filme *Invictus*, de Clint Eastwood. Antes, pergunte se alguém já viu e se pode comentar brevemente a história (sem entregar todo o enredo).

Leia a ficha técnica para que todos tenham acesso às primeiras informações importantes. Isso vai ajudar o grupo a compreender o contexto social e histórico da trama. Na África do Sul, em 1995, Nelson Mandela, libertado (em 1990) depois de passar 27 anos na prisão, luta contra as consequências do regime de segregação racial denominado *apartheid*. A mobilização da população pelo esporte, especialmente o rúgbi, foi uma das estratégias utilizadas por Mandela para unir o país e ajudá-lo a começar a superar as diferenças acentuadas pelo preconceito racial.

Atividade

Exibição do filme *Invictus*, de Clint Eastwood, que trata do período em que Nelson Mandela assumiu a presidência da África do Sul.

Estratégia

Deixar a biografia de Nelson Mandela exposta, por exemplo, em um varal, para quem quiser ler e conhecer mais detalhes sobre a vida do líder sul-africano.

Leitura compartilhada: sobre o filme *Invictus*

"*Invictus* é um filme de 2009, na categoria drama biográfico e esportes, dirigido por Clint Eastwood e estrelado por Morgan Freeman e Matt Damon. A história é baseada no livro de John Carlin, *Conquistando o inimigo* (em inglês: *Playing the enemy*), sobre os eventos na África do Sul antes e durante a Copa do Mundo de Rúgbi de 1995, organizada no país após o desmantelamento do *apartheid* (regime de segregação racial). Freeman e Damon são, respectivamente, o presidente sul-africano Nelson Mandela e François Pienaar, capitão da equipe de rúgbi Springboks. *Invictus* foi lançado nos Estados Unidos em 11 de dezembro de 2009. O título pode ser traduzido do latim como 'invicto', e se refere a um poema do poeta inglês William Ernest Henley. O filme foi recebido com críticas positivas e elogios para as atuações de Freeman e Damon. Por sua interpretação como Nelson Mandela, Morgan Freeman foi nomeado para o Oscar de Melhor Ator; já Matt Damon foi indicado ao Oscar de Melhor Ator Coadjuvante."

INVICTUS. Wikipédia. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Invictus>>. Acesso em: 21 maio 2014.

Converse também a respeito da expectativa de todos sobre o conteúdo do filme. Algumas questões podem pausar esse momento: "Por que a escolha do termo 'invictus' para dar título ao filme?"; "O que sabem sobre Nelson Mandela?"; "O que ele representa para a história da humanidade?"

Reserve um tempo para a exibição do filme, garantindo que todos estejam presentes, e combine que farão uma discussão posterior.

O que abordar depois da exibição do filme

1. Qual a cena mais impactante para vocês? Por quê?
2. Qual atitude de Mandela mais chamou sua atenção?
3. O esporte tornou-se um valor para toda a sociedade sul-africana. Por quê?

4. Converse sobre: os sentidos que o filme suscitou em cada um; o que lhes chamou a atenção; como Mandela conseguiu, com carisma e extrema humildade, envolver todos em uma causa comum.

Proponha que os professores de educação física deem depoimentos sobre a importância do esporte e as possibilidades de ampliação dos conhecimentos das crianças e dos jovens por meio do cuidado com a própria saúde e da prática de atividades físicas ou de jogos. Considere a ideia de iniciar a discussão sobre o papel que as demais áreas e os diferentes segmentos podem ter diante desses aspectos apontados. Sugira que, em pequenos grupos (com professores de diferentes áreas e segmentos), leiam duas notícias relacionadas com o tema, publicadas no *site* do Ministério da Educação:

- ◆ LORENZONI, Ionice. Professores ensinarão noções de saúde com ajuda do futebol. *Ministério da Educação*, Educação na Copa, 20 fev. 2014. Disponível em: <<http://goo.gl/hr2ewX>>. Acesso em: 16 ago. 2014.
- ◆ SCHENINI, Fátima. Aulas de xadrez contribuem para mudar a realidade de escola. *Ministério da Educação*, Ensino-aprendizagem, 24 fev. 2014. Disponível em: <<http://goo.gl/cNQrjk>>. Acesso em: 16 ago. 2014.

Então, levante as seguintes questões:

1. Com base no que vimos no filme, qual a importância do esporte para uma nação?
2. Como é possível, em nossa comunidade escolar, criar um contexto de trabalho em equipe (como visto no filme), de apoio aos esportes e de cuidado consigo mesmo (como lido nas notícias) e fazer disso um valor e uma referência?
3. Como cada professor, no segmento e/ou na área do conhecimento em que atua, pode planejar um trabalho

interdisciplinar com a educação física para apoiar a ampliação do que já se faz na escola em torno dos sentidos discutidos na questão anterior?

O que não pode faltar na discussão

1ª questão

- ◆ Espera-se que os professores discutam, por exemplo, que o esporte é uma linguagem universal e mobilizadora capaz de ajudar, quando bem encaminhado, na superação de preconceitos. Pode auxiliar as pessoas a fazer emergir o melhor de si mesmas, vencendo dificuldades, problemas de foro íntimo e limitações em prol do bem comum – sobretudo no caso dos esportes coletivos.
- ◆ A educação física é uma área do conhecimento humano que pode auxiliar no autoconhecimento, contribuir para a prevenção de algumas doenças e trazer noções de cuidados e práticas saudáveis para a vida cidadã.

2ª questão

- ◆ É interessante que os professores comecem a discutir como relacionar as áreas do conhecimento com a educação física por meio de momentos de planejamento comum e compartilhamento de projetos, como citado nas notícias.
- ◆ As atividades propostas não precisam ser apenas de esforço físico. Elas devem apoiar o cuidado com o corpo e com a saúde e a prevenção de algumas doenças. Nesse ponto, a comunidade escolar pode se beneficiar do trabalho interdisciplinar, pois é possível fazer inúmeros cruzamentos com outras áreas, uma vez que o objeto do conhecimento da educação física é amplo.

3ª questão

- ◆ É interessante que comecem a refletir sobre os planejamentos em comum, por exemplo: o movimento e a

expressividade das crianças pequenas; matemática e educação física no ensino de xadrez; saúde, ciências e educação física; física (deslocamento dos corpos no espaço, transformação de energia) e educação física.

Proponha a socialização do que foi discutido nos grupos, para que todos possam planejar em conjunto com a área de educação física. Esse compartilhamento não deve ser considerado uma etapa burocrática da atividade. O momento é valioso para o CP promover o intercâmbio de informações e a retomada das reflexões dos professores, priorizando a construção coletiva de conhecimentos. Para isso, pode consultar registros anteriores, revisando-os e propondo ampliações com a ajuda de todos.

Planejamento

Dando continuidade ao trabalho em pequenos grupos, mas agora com os professores divididos por segmento, a sugestão é que realizem a leitura compartilhada das propostas a seguir, grifando e destacando atividades que já realizam ou aquelas que lhes parecem novidades. Para planejarem juntos, eles podem analisar cada uma delas, fazer adaptações que julgarem necessárias à realidade das turmas e planejar como e quando as incluirão em suas rotinas com o apoio dos professores de educação física. Terminado o planejamento detalhado, peça que o socializem para os colegas dos outros segmentos e para a equipe gestora. O intuito é aprimorar cada vez mais a prática pedagógica em consonância com os propósitos ligados à Atitude de que estamos tratando.

Movimento, jogos de tabuleiro e os cuidados com o corpo

Educação Infantil

Movimento e expressividade na Educação Infantil

- ◆ Observar as crianças brincando livremente e o repertório de gestos que utilizam.
- ◆ Planejar, em parceria com colegas da Educação Infantil e de educação física e com o CP, algumas oficinas ou sequências de propostas de movimentos a realizar com as crianças: podem ser “brincadeiras de circo”, por exemplo, ou circuitos em que as crianças vão passando por obstáculos.
- ◆ Criar as propostas considerando sempre como critério principal que as crianças tenham de superar desafios com o corpo empregando força, equilíbrio, coordenação motora, ampliação do repertório gestual etc.
- ◆ Levar em conta também que o critério de segurança das crianças deve estar presente em todas as propostas, na forma como os circuitos e os objetos estarão dispostos, na seleção de materiais a utilizar etc.
- ◆ Sugestão de materiais para ambas as propostas (brincadeiras de circo e circuito): bolas (de diferentes tamanhos, materiais e pesos, para serem lançadas, levantadas, encestadas, encaixadas etc.), bambolês (para serem empilhados, driblados, derrubados, pulados etc.), elásticos de várias espessuras e tamanhos (amarrados ou soltos), colchonetes, cordas, tecidos, pinos/cones de variados tamanhos (para serem empilhados, driblados, derrubados, pulados etc.), caixas de diferentes tamanhos e formatos (para serem empilhadas, dribladas, derrubadas, puladas etc.), túnel de tecido (para as crianças passarem por dentro se arrastando), bancos/banquetas (para as crianças saltarem, pularem, passarem por baixo se arrastando) etc.
- ◆ Combinar com os professores de educação física a continuidade das propostas. É necessário que as crianças repitam as brincadeiras para que se apropriem dos novos repertórios de movimentos e gestos.
- ◆ Garantir que essa continuidade favoreça a superação de novos desafios, criados pela diversidade de novos elementos.
- ◆ Avaliar os avanços coletivamente (entre professores de Educação Infantil, educação física e CP), dos pontos de vista dos movimentos, da gestualidade e da ampliação do repertório das crianças.

Anos Iniciais do Ensino Fundamental

Oficinas de jogos de tabuleiro

- ◆ Planejar, em parceria com colegas dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e de educação física e com o CP, algumas oficinas ou sequências de propostas de jogos de tabuleiro a realizar com os alunos.
- ◆ Criar as propostas considerando sempre como critério principal que os alunos tenham de superar desafios, seja pelas estratégias utilizadas nesse tipo de jogo, seja pelo conhecimento das regras.
- ◆ Explicar aos alunos que participarão de oficinas e atividades com jogos de tabuleiro, em parceria com os professores de educação física.
- ◆ Questionar o que sabem sobre jogos de tabuleiro, quais conhecem, quais gostam de jogar.
- ◆ Propor que os alunos façam uma pesquisa (na biblioteca da escola e na internet) sobre a origem de alguns jogos de tabuleiro que gostariam de jogar frequentemente ou sobre os quais gostariam de saber mais.
- ◆ Propor que façam um levantamento dos jogos de tabuleiro que existem na escola e tragam sugestões sobre como farão para conseguir os demais: uma campanha; pedidos e doações entre os próprios alunos; carta solicitando ao gestor; confecção de alguns deles com professores de artes etc.
- ◆ Planejar sessões para que: aprendam a jogar; pesquisem, leiam e discutam as regras; compartilhem; joguem coletivamente para, em seguida, disputar em duplas ou pequenos grupos.
- ◆ Criar uma rotina e uma frequência para que os alunos possam jogar durante as aulas de algumas disciplinas (matemática ou geometria, por exemplo).
- ◆ Promover situações e discussões, em pequenos grupos e coletivamente, sobre as principais estratégias e jogadas utilizadas em alguns jogos, como xadrez, ludo, dominó etc.
- ◆ Solicitar, nessas aulas, que os alunos registrem, em pequenos grupos/duplas (por escrito, em forma de esquemas ou com desenhos), as soluções e estratégias que encontraram para os jogos. Depois, podem compartilhar com os colegas.
- ◆ Propor uma autoavaliação aos alunos: o que aprenderam com as oficinas de jogos?

Anos Finais do Ensino Fundamental

Cuidando de mim, cuidando dos outros

- ◆ Propor que os alunos façam uma campanha pela escola (com a produção de folhetos, cartazes ou pequenos vídeos) sobre temas ligados à saúde e ao cuidado com o corpo, consigo mesmos ou com a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis (DSTs).
- ◆ Planejar maneiras de aprofundar o tema, envolvendo professores de diferentes áreas do conhecimento.
- ◆ Sugerir aos alunos que escolham os temas sobre os quais pretendem saber mais. Para isso, oferecer uma lista de ideias.
- ◆ Propor que pesquisem, em pequenos grupos, para saber mais sobre o tema escolhido (na biblioteca da escola, na internet, conversando com profissionais da saúde etc.).
- ◆ Após a pesquisa, discutir e propor que organizem as informações obtidas por meio de registro em tópicos ou de esquemas, bem como os principais aspectos que avaliam ser interessantes para a campanha.
- ◆ Discutir a forma de exposição dessas informações na campanha: cartazes, folhetos, montagem de um pequeno vídeo informativo.
- ◆ Reservar aulas para que planejem o que pretendem falar/registrar, preparem os materiais e os revisem/editem.
- ◆ Ao final, sugerir que realizem uma autoavaliação a respeito da forma como assumiram a campanha, do que aprenderam e de como esse aprendizado pode ter contribuído para a difusão de informações importantes sobre saúde, cuidados com o corpo e doenças (DSTs). Avaliar em conjunto os aspectos positivos e aqueles que ainda podem melhorar.

Ensino Médio

Os cuidados consigo mesmo: palestras para os alunos dos demais segmentos, funcionários da escola e comunidade escolar

- ◆ Propor que os alunos montem palestras (dadas por eles mesmos ou por profissionais afins) sobre temas ligados à saúde e ao cuidado com o corpo, consigo mesmos ou com a

prevenção de doenças sexualmente transmissíveis (DSTs), tendo como público-alvo os demais alunos da escola, funcionários e a comunidade escolar.

- ◆ Planejar maneiras de aprofundar o tema, envolvendo professores de diferentes áreas do conhecimento.
- ◆ Propor que os alunos pesquisem, em pequenos grupos, para saber mais sobre o tema escolhido (na biblioteca da escola, na internet, conversando com profissionais da saúde etc.).
- ◆ Após as leituras e pesquisas, discutir e propor que organizem as informações obtidas por meio de registro em tópicos ou de um esquema, bem como os principais aspectos que avaliam ser interessantes para levar às palestras.
- ◆ Discutir a forma de exposição dessas informações nas palestras: uso de projeção, entrega de folhetos etc.
- ◆ Reservar aulas para que planejem o que pretendem falar/registrar, preparem as apresentações e as revisem.
- ◆ Ao final, sugerir que realizem uma autoavaliação a respeito da forma como assumiram as palestras, do que aprenderam e de como esse aprendizado pode ter contribuído para a difusão de informações importantes sobre saúde, cuidados com o corpo e doenças (DSTs). Avaliar em conjunto os aspectos positivos e aqueles que ainda podem melhorar.

Atividade

Ampliação do PPP da escola com base no que foi discutido e refletido nas reuniões: é importante que o grupo compreenda que a produção do PPP é dinâmica e contínua.

Com a intenção de formalizar as reflexões – de que a literatura e a ampliação do universo cultural são consideradas direitos dos alunos e de que a educação física pode estruturar um trabalho interdisciplinar que vai além da prática esportiva –, a sugestão é que os professores, juntamente com a equipe gestora, potencializem esse momento coletivo e organizem um registro de todas as discussões no documento que rege os valores e as ações da escola, o PPP.

Proponha que, por segmentos, os grupos registrem em tópicos o que foi debatido com base no texto de Pedro Bandeira, no filme *Invictus* e no planejamento com os

profissionais de educação física. Para que esse não seja um mero documento burocrático e realmente represente o que vivem ou o que desenvolverão na escola, é preciso que os professores considerem os alunos reais com quem interagem diariamente. Dessa forma, poderão definir o que os estudantes podem aprender nessas circunstâncias, qual a possível contribuição efetiva deles para essa nova organização escolar e quais os reflexos na vida pessoal de cada um, individualmente e na comunidade.

Como se sabe, a atuação com as famílias é fundamental, pois a formação da criança e do jovem é feita em parceria por diversos atores. Por isso, é importante que atividades pedagógicas sejam planejadas de forma a promover o compartilhamento de algumas ações com familiares. Para isso, no contexto da discussão dessa Atitude, a equipe gestora, contando com o apoio dos professores (que já assistiram ao filme e terão muito a contribuir), deve propor aos pais que assistam ao filme *Invictus* e debatam sobre o que está por trás do trabalho de ampliação do universo cultural e esportivo de seus filhos.

Exibição do filme *Invictus* para os pais e a comunidade escolar

O que a equipe gestora (CP e diretor escolar) pode fazer

- ◆ Planejar a exibição do filme para os pais e a comunidade escolar, considerando a gestão do espaço, do tempo, dos recursos humanos e materiais: antecipar como será feito o convite aos pais e à comunidade, levando em conta a disponibilidade do espaço físico em relação à quantidade de convidados; se haverá mais de uma sessão; se algo será oferecido (como pipoca e bebida); como serão lançadas as questões para reflexão (antes e depois do filme);

Antes da exibição do filme

- ◆ Explicar brevemente que essa ação com familiares e comunidade faz parte do planejamento da escola para ajudar a “ampliar o repertório cultural e esportivo das crianças e dos jovens”.

- ◆ Apresentar o filme *Invictus*, dirigido por Clint Eastwood (lembrando que tem 2h15 de duração).
- ◆ Antecipar o contexto social e histórico em que o filme se passa: na África do Sul, em 1995, Nelson Mandela, libertado (em 1990) depois de passar 27 anos na prisão, luta contra as consequências do regime de segregação racial denominado *apartheid*. A mobilização da população pelo esporte, especialmente o rúgbi, foi uma das estratégias utilizadas por Mandela para unir o país e ajudá-lo a começar a superar as diferenças acentuadas pelo preconceito racial.
- ◆ Sobre o filme: "*Invictus* é um filme de 2009, na categoria drama biográfico e esportes, dirigido por Clint Eastwood e estrelado por Morgan Freeman e Matt Damon. A história é baseada no livro de John Carlin, *Conquistando o inimigo* (em inglês: *Playing the enemy*), sobre os eventos na África do Sul antes e durante a Copa do Mundo de Rúgbi de 1995, organizada no país após o desmantelamento do apartheid (regime de segregação racial). Freeman e Damon são, respectivamente, o presidente sul-africano Nelson Mandela e François Pienaar, capitão da equipe de rúgbi Springboks. *Invictus* foi lançado nos Estados Unidos em 11 de dezembro de 2009. O título pode ser traduzido do latim como 'invicto', e se refere a um poema do poeta inglês William Ernest Henley. O filme foi recebido com críticas positivas e elogios para as atuações de Freeman e Damon. Por sua interpretação como Nelson Mandela, Morgan Freeman foi nomeado para o Oscar de Melhor Ator; já Matt Damon foi indicado ao Oscar de Melhor Ator Coadjuvante".
INVICTUS. Wikipédia. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Invictus>. Acesso em: 21 maio 2014.
- ◆ Disponibilizar a biografia de Nelson Mandela e deixá-la exposta, como em um varal, por exemplo, para quem quiser ler e conhecer mais detalhes sobre a vida do líder sul-africano.
- ◆ Exibir o filme no horário reservado e combinar um tempo para discussão sobre ele.

Após da exibição do filme

- ◆ Conversar sobre: os sentidos que o filme suscitou em cada um; o que lhes chamou a atenção; como Mandela conseguiu, com seu carisma e extrema humildade, envolver todos em uma causa comum.
- ◆ Questionar qual a cena mais impactante e por que; qual atitude de Mandela mais chamou a atenção.
- ◆ Colocar em discussão o fato de que o esporte passou a ser um valor para toda a sociedade sul-africana e qual o sentido e a importância de que isso seja feito em uma comunidade escolar.

- ◆ Contar brevemente sobre as ações planejadas entre os professores de educação física e os demais (de todos os segmentos), explicando a participação dos alunos e suas principais aprendizagens.
- ◆ Discutir o que podem fazer e como ajudar a escola para que os conhecimentos culturais e esportivos das crianças e dos jovens possam ser ampliados.

O que esperar que os pais passem a fazer

- ◆ Entender que a escola pode ser um centro de referência esportiva e cultural para crianças e jovens.
- ◆ Tomar parte em eventos esportivos e culturais, assumindo uma postura ativa e atribuindo-lhes o devido valor.
- ◆ Conversar sobre o gosto e as preferências dos filhos em relação à literatura, à música, às artes, aos esportes, aos jogos, aos cuidados com o corpo.
- ◆ Falar sobre as atividades desenvolvidas na escola com esse intuito, mostrando-se interessados em saber como foi a participação dos filhos em tais propostas.

Como sugerido nos demais capítulos, é fundamental que o trabalho com professores, pais e alunos seja documentado e incluído no PPP da escola. Além disso, os relatos podem ser compartilhados com outras comunidades no portal **www.5atitudes.org.br**.

Vale ressaltar que não só as boas práticas devem ser socializadas, mas também dúvidas, dificuldades e comentários, o que auxiliará no aprimoramento do trabalho de todos. ◆

5 Metas, 5 Bandeiras, 5 Atitudes

O Todos Pela Educação, fundado em 2006, é um movimento da sociedade brasileira que tem como missão contribuir para que até 2022, ano do bicentenário da Independência do Brasil, o país assegure a todas as crianças e jovens Educação Básica de qualidade.

Esse objetivo foi traduzido em **5 Metas** que apresentam, de forma clara e objetiva, o que efetivamente precisamos alcançar para mudar de patamar e efetivar os principais direitos educacionais dos alunos. São elas:

- Meta 1** Toda criança e jovem de 4 a 17 anos na escola
- Meta 2** Toda criança plenamente alfabetizada até os 8 anos
- Meta 3** Todo aluno com aprendizado adequado ao seu ano
- Meta 4** Todo jovem com Ensino Médio concluído até os 19 anos
- Meta 5** Investimento em Educação ampliado e bem gerido

Com base na experiência acumulada no monitoramento das Metas e nas evidências existentes em relação à efetividade de algumas políticas, o TPE, em 2010, definiu **5 Bandeiras**. Os resultados dessas ações, entendidas como urgentes, podem impactar forte e positivamente a qualidade da Educação, na direção do cumprimento das **5 Metas**. São elas:

Bandeira 1 Melhoria da formação e carreira do professor

Bandeira 2 Definição dos direitos de aprendizagem

Bandeira 3 Uso pedagógico das avaliações

Bandeira 4 Ampliação da oferta de Educação Integral

Bandeira 5 Aperfeiçoamento da governança e gestão

Como grandes mudanças dependem do engajamento de todos, tanto por ações cotidianas quanto por valores colocados em prática, o TPE lançou em 2014 **5 Atitudes** que mostram como a população brasileira pode ajudar crianças e jovens a aprender cada vez mais e por toda a vida. São elas:

Atitude 1 Valorizar os professores, a aprendizagem e o conhecimento

Atitude 2 Promover as habilidades importantes para a vida e para a escola

Atitude 3 Colocar a Educação escolar no dia a dia

Atitude 4 Apoiar o projeto de vida e o protagonismo dos alunos

Atitude 5 Ampliar o repertório cultural e esportivo das crianças e dos jovens

5 Atitudes pela Educação

Orientações para coordenadores pedagógicos

© 2014 Editora Moderna

Produção editorial

Editora Moderna

Diretoria de Relações Institucionais

Luciano Monteiro

Edmar Cesar Falleiros Diogo

Coordenação de produção

Ana Luisa Astiz

Preparação

Sibelle Pedral

Revisão

Márcia Menin

Lessandra Carvalho

Projeto gráfico

Paula Astiz

Diagramação

Laura Lotufo / Paula Astiz Design

Ilustrações

Weberson Santiago

Coordenação editorial

Todos Pela Educação

Diretora executiva

Priscila Cruz

Diretora administrativo-financeira

Maria Lúcia Meirelles Reis

Coordenadora geral

Alejandra Meraz Velasco

Gerente de comunicação

Camilla Salmazi

Coordenadora de campanhas e eventos

Carolina Fernandes

Gerente de conteúdo

Ricardo Falzetta

Textos

Comunidade Educativa Cedac

Diretora superintendente

Tereza Perez

Diretoria de desenvolvimento educacional

Patrícia Diaz

Roberta Panico

Elaboração

Debora Samori

Sandra Medrano

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

5 atitudes pela educação : orientações para coordenadores pedagógicos / com textos de Ana Maria Machado... [et al.]. — São Paulo : Moderna, 2014.

Outros autores: Ricardo Azevedo, Ilan Brenman, Walcyr Carrasco, Pedro Bandeira

1. Educação - Finalidades e objetivos 2. Escolas - Administração e organização 3. Escolas - Diretores 4. Pedagogia I. Machado, Ana Maria. II. Azevedo, Ricardo. III. Brenman, Ilan. IV. Carrasco, Walcyr. V. Bandeira, Pedro.

14-09803

CDD-371.2

Índices para catálogo sistemático:

1. Direção e gestão escolar : Educação 371.2



Esta é uma publicação do Todos Pela Educação, editada com o apoio da Editora Moderna.
Foi composta nas fontes Fedra Sans e Fedra Serif B e impressa em outubro de 2014.

1

**Valorizar os professores,
a aprendizagem e o conhecimento**

2

**Promover as habilidades importantes
para a vida e para a escola**

3

Colocar a Educação escolar no dia a dia

4

**Apoiar o projeto de vida
e o protagonismo dos alunos**

5

**Ampliar o repertório cultural
e esportivo das crianças e dos jovens**